

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

¹ Crystina Chaves Gomes

² Elenice Ana Kirchner

RESUMO: O presente estudo aborda a importância do vínculo afetivo no desenvolvimento da criança, especialmente o relacionamento afetivo entre crianças e professores para o bom desenvolvimento de ambos, com destaque para alguns conceitos e teorias. Busca, também, analisar a contribuição da afetividade na Educação Infantil, bem como conhecer os diversos níveis da Educação. A realização da pesquisa se justifica pela necessidade da afetividade no desenvolvimento da criança. Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico-empírico, de cunho qualitativo, descritivo e bibliográfico. A pesquisa conta, ainda, com um levantamento de dados realizado por meio de um questionário aplicado às educadoras e gestora da Educação Infantil do Centro de Educação Infantil de Tunápolis, localizado no Oeste do Estado de Santa Catarina. Os resultados encontrados foram positivos em razão de que as educadoras compreendem a importância da afetividade na Educação Infantil. Ademais, possuem entendimento acerca das contribuições e benefícios da afetividade no desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Afetividade. Educação Infantil. Vínculo afetivo. Criança.

ABSTRACT: The present study addresses the importance of the affective bond in the development of the child, especially the affective relationship between children and teachers, which aims at the good development of both. In addition to highlighting some concepts and theories, the study also seeks to analyze the contribution of affectivity in Early Childhood Education, as well as to know the different levels of Education. The research is justified by the importance of affectivity in the development of the child. Methodologically, it is a theoretical-empirical study, of qualitative, descriptive and bibliographic nature. The research also relies on a data survey carried out through a questionnaire applied to educators and principal of Early Childhood Education at the Early Childhood Education Center of Tunápolis, located in the West of the State of Santa Catarina. The results found were positive, as the educators understand the importance of affectivity in early childhood education. In addition, they have an understanding of the contributions and benefits of affectivity in the development of the child.

Keywords: Affectivity. Child Education. Affective bond. Child.

INTRODUÇÃO

A afetividade está presente no dia a dia de todos os indivíduos e possui importante papel no desenvolvimento humano e em suas relações sociais, auxiliando-os a conviver em

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia do 6º semestre do Centro Universitário FAI- UCEFF, e-mail: crystinachaves@gmail.com

² Mestra do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI- UCEFF, e-mail: elenice@uceff.edu.br

sociedade, uma vez que necessitam de carinho, atenção, cuidados e estímulos. Desenvolvida ao longo da vida, a afetividade é essencial para o convívio e o respeito na sociedade, pois é por meio dos vínculos afetivos que o indivíduo se desenvolve e constrói a sua história no meio social.

No contexto da Educação Infantil, a afetividade tem sido valorizada por auxiliar as crianças a se sentirem acolhidas, seguras e amadas por todos naquele ambiente que, inicialmente, é estranho a elas. Esse acolhimento tende a desenvolver nas crianças os aspectos afetivos, cognitivos e sociais. Diante desse argumento, é possível levantar o seguinte questionamento que orienta este estudo: “Qual a importância e os reflexos da afetividade no desenvolvimento infantil?”

O presente estudo tem o intuito de conhecer a importância e os reflexos do vínculo afetivo no desenvolvimento da criança no contexto da Educação Infantil. Como objetivos específicos busca compreender a forma como a afetividade pode influenciar no desenvolvimento da criança; identificar a importância da afetividade na primeiríssima infância; conhecer os diversos níveis da Educação, em especial, a Educação Infantil; identificar a percepção de professores sobre a afetividade na Educação Infantil; e compreender a importância do relacionamento afetivo entre crianças e professores.

O interesse por estudar o tema surgiu de inquietações e vivências percebidas ao longo da trajetória acadêmica e do estágio realizado em creche, nas quais foi possível perceber e comparar a influência da afetividade na relação professor x criança. Essas vivências deixaram algumas percepções intrigantes, especialmente no que diz respeito ao afeto nesse processo e nessa fase do desenvolvimento infantil, a forma como a falta desses vínculos afetivos pode afetar negativamente o processo de desenvolvimento e como a criação desses vínculos pode causar sentimentos positivos no processo da vida de uma criança.

A importância do assunto se deve à influência da afetividade na relação professor x criança, especialmente no que se refere ao afeto nesse processo da Educação Infantil e nessa fase do desenvolvimento da criança. O estudo pode contribuir com a comunidade acadêmica e com os educadores que atuam na Educação Infantil, uma vez que o vínculo afetivo auxilia na construção da aprendizagem, bem como contribui com o desenvolvimento da criança e das relações sociais que permeiam a comunidade em geral.

Esta monografia constitui-se de quatro capítulos além desta introdução, os quais estão divididos em subcapítulos. O primeiro se refere à Fundamentação Teórica, a qual é dividida em respectivos tópicos. Inicialmente, o estudo discorre sobre a afetividade, a Educação e seus

níveis de aprendizagem, a Educação Infantil, a afetividade na Educação Infantil e, por fim, trata da forma de se criar um vínculo por meio da afetividade.

O segundo capítulo descreve a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa. Quanto à caracterização, trata-se de uma pesquisa teórico-empírica, qualitativa, descritiva, bibliográfica e de estudo de campo. A população amostral foi formada por 10 professores e uma gestora. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário (em Apêndice), o qual foi devidamente respondido pelos participantes. Os dados obtidos foram devidamente analisados e interpretados.

O terceiro capítulo é destinado à análise dos dados coletados nas entrevistas, em que os professores e a gestora manifestaram o seu entendimento sobre a temática abordada.

Ao final do estudo constam as considerações finais que retratam a importância da afetividade no desenvolvimento da criança. Ressaltam-se, neste momento, as contribuições e os benefícios da afetividade na Educação Infantil, bem como os prejuízos causados pela sua falta para com as crianças nessa importante fase de suas vidas.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 AFETIVIDADE

A afetividade está conectada diretamente com a emoção, pois ela consegue estabelecer a maneira como as pessoas veem o mundo e como nele se manifestam. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua conduta como ser social estará comprometida, sem ênfase, sem vitalidade, sem força (ROSSINI, 2001). Deste modo, a existência ou a inexistência do afeto define a maneira como o ser humano se desenvolve.

De acordo com o Dicionário Aurélio (1999, p. 61), a afetividade significa o “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.”

A afetividade é determinada por diversos autores como o ato de desempenhar algo com afeto, amor, simpatia, paixão, amizade e sentimento, que são elementos essenciais da afetividade. É possível, entretanto, descobrir a definição de afeto por meio do carinho, do respeito ao próximo, da atenção e do acolhimento. Para Taille, Dantas e Oliveira (1992, p. 65), a afetividade é reconhecida

quando se trata de analisar o domínio dos afetos, nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, portanto, como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão está a seu serviço.

De acordo com os autores supracitados, a afetividade é um processo essencial ao indivíduo, que vem sendo desenvolvido desde a sua infância por intermédio das motivações. As atitudes do ser humano são motivadas pelo interesse por um objeto ou uma situação, e aumentam à medida do desenvolvimento intelectual. O afeto, por sua vez, é desenvolvido a partir do conhecimento e do processo de desenvolvimento do ser humano.

Desta forma, as manifestações afetivas que cercam as crianças são desenvolvidas nos primeiros anos de vida, como afirma Wallon (2010), para quem a primeira ação psíquica da criança é afetiva, pois desde o seu nascimento ela demonstra uma sensibilidade afetiva. Desta maneira, a criança desempenha o seu papel de comunicação com o mundo a partir de impulsos emocionais, pois ao nascer ela não sabe falar ou expressar seus sentimentos, dores e/ou vontades. Em vista disso utiliza-se do choro, que é a expressão mais primitiva da afetividade para se comunicar com os seres humanos ao seu redor. Ou seja, enquanto não possui a linguagem oral, é por meio de movimentos e expressões que a criança reproduz a vida psíquica, garantindo a conexão com os demais (ALMEIDA,1999).

Conforme Wallon (2010), os movimentos expressivos que acontecem por meio de toques físicos, olhares e sorrisos são repletos de afetividade e, como a comunicação oral ainda não existe, são essas manifestações (movimentos) que compõem o alicerce das diversas emoções e, conseqüentemente, do desenvolvimento humano. A afetividade, portanto, tem papel essencial em todo o processo de desenvolvimento do indivíduo, uma vez que é o seu ponto de partida, dado que a primeira função do desenvolvimento infantil é afetiva.

De acordo com Antunes (2006, p. 5) a afetividade é:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra escrita na história genética da pessoa humana e deve-se à evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, essa necessidade se traduz em amor.

A afetividade é desenvolvida ao longo da vida, e é primordial para a sobrevivência humana e sua aceitação no mundo. É por meio das relações afetivas e interpessoais que o ser humano sobrevive e constrói a sua história.

É possível pensar a afetividade como um processo amplo que envolve a pessoa em sua totalidade. Na constituição da estrutura da afetividade, contribuem de forma significativa as diferentes modalidades de descarga do tónus, as relações interpessoais e a afirmação de si mesmo, possibilitada pelas atividades de relação. (WALLON, 2010, p. 14).

Os estudos de Wallon (2010) são referência da afetividade, seu pensamento leva a refletir sobre a importância do tema ao ressaltar que se trata de um processo amplo e total do ser humano. As relações humanas são repletas de afetividade, pois são desenvolvidas desde o ventre materno. Todo o ser humano cresce permeado por relações afetivas, e são essas relações que vão construindo o seu caráter. O autor também salienta a importância das relações interpessoais no desenvolvimento da afetividade, as quais são de extrema importância para o processo de desenvolvimento da criança, uma vez que ela precisa ser amada para desenvolver sua inteligência e, assim, manifestar sua afetividade.

Teoricamente, a afetividade é caracterizada por meio de suas manifestações, diferenciando-se do sentimento, da emoção, da paixão. A afetividade é um vasto campo, que compreende todas as manifestações afetivas, pois influencia nas atitudes do indivíduo. Desta maneira, ressalta-se a visão de Piaget, para quem a afetividade influi no comportamento e no desenvolvimento cognitivo da criança, pois se encontra em todos os campos da vida:

A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais, e os sentimentos morais evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade, cujos efeitos de descentralização em nossa sociedade são mais profundos e duradouros. (PIAGET; INHELDER, 1990, p. 109).

Nesse mesmo sentido se manifesta Hillal (1985, p.18) ao se referir à importância da afetividade:

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falhas no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida e de todos os seus acontecimentos, promovendo as atividades. As dificuldades afetivas são causas de muitas adaptações sociais e escolares, assim como de um grande número de perturbações no comportamento.

À vista disso, compreende-se que a afetividade é o vínculo mais belo que se pode estabelecer entre os atores educacionais – educadores e crianças. Sem a formação deste vínculo pode haver interrupções e falhas importantes no desenvolvimento infantil. Conforme

o autor supracitado, as dificuldades afetivas trazem resultados negativos tanto à vida escolar como social das pessoas.

1.2 EDUCAÇÃO E SEUS NÍVEIS DE APRENDIZAGENS

Camargo (2005, p. 20), em um trecho da obra *Educação dos Sentimentos*, revela a importância do processo educativo e dos conhecimentos, estruturados tradicional e cientificamente para o desenvolvimento da vida, expondo que:

Ousar saber e começar significa sair da estagnação mental e partir para o conhecimento de outras leis, principalmente daquelas que regem a felicidade humana. Significa retirar a vestimenta envelhecida dos hábitos perniciosos e que geram sofrimento e se encaminhar corajosamente por outras veredas, inexploradas ainda, mas que produzem a suprema felicidade do homem. A educação é esse agente capaz de realizar as mudanças necessárias e de possibilitar essa transformação da animalidade para a humanidade, dos instintos para os sentimentos e das exigências dos valores materiais para os espirituais. O próprio vocábulo significa ‘conduzir para fora, extrair, aprimorar potencialidades’.

A Educação possui, simultaneamente, um amplo e pertinente significado. De acordo com o Dicionário Aurélio (1999, p. 687), significa o “ato ou efeito de educar (-se)”. Educar, porém, não é apenas entrar em sala de aula e repassar conteúdos aos educandos, pois é fundamental que haja preocupação com o desenvolvimento daquilo que é ensinado no âmbito educacional. A responsabilidade de educar consiste em uma situação frágil e séria, pois visa fazer com que o aluno manifeste suas opiniões sem nenhum receio, e que emita a sua capacidade diante do conhecimento. O professor tem o papel essencial de expor e esclarecer possíveis vivências aos alunos, além de esclarecer que a Educação é mais que conteúdo.

O real significado da palavra “Educação” tem relação com o convívio diário dos educandos, bem como com os seus atos, sentimentos, cultura e o sentimento verdadeiro de querer transformar pessoas medíocres em grandes indivíduos, coadjuvantes de um mundo melhor.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996), a educação é dever da família e do Estado, e tem a finalidade de desenvolver o educando, preparando-o para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Esse ensino deve ser ministrado com base em alguns princípios que vão desde a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola até o vínculo entre a educação escolar, trabalho e práticas sociais. Com base em todos os princípios que são de suma importância para a vida do educando, é preciso ter consciência de que ele terá acesso aos seus direitos, bem como deverá cumprir todos os deveres estabelecidos.

O Estado tem o dever de garantir o Ensino Fundamental e Médio de forma gratuita, bem como oferecer atendimento educacional gratuito aos educandos com deficiência, bem como em creches e pré-escolas para crianças de 0 a 5 anos, ensino noturno regular de acordo com as condições do educando, educação regular a jovens e adultos, conforme as suas necessidades, garantindo aos que trabalham condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 1996).

A Educação se divide em dois níveis – Educação Básica e Ensino Superior. A Educação Básica compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, e tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecendo-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL, 1996).

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, seja em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Já o Ensino Fundamental – obrigatório e gratuito na escola pública – tem como objetivo a formação básica do cidadão a partir do desenvolvimento da capacidade de aprender o domínio da leitura, escrita e cálculo; da compreensão do ambiente natural e social do sistema político, da tecnologia, artes e valores; do desenvolvimento da capacidade de aprendizagem e fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade e de tolerância recíproca (BRASIL, 1996).

O Ensino Médio, por sua vez, é a etapa final da Educação Básica, e tem como finalidades a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos. Visa, também, a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, a fim de que siga aprendendo de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores. E, por fim, busca o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico e a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é destinada àqueles que não tiveram acesso ou não puderam dar continuidade aos estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade apropriada. Essa possibilidade deverá ser ofertada gratuitamente aos jovens e adultos a fim de que possam concluir seus estudos. Em suma, deverá ser estimulado o acesso e a permanência

do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, 1996).

A Educação Profissional, integrada às diferentes formas de educação, trabalho, ciência e tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões à vida produtiva. O conhecimento adquirido na Educação Profissional poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos (BRASIL, 1996).

A Educação Superior tem por finalidade estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos à inserção em setores profissionais e à participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber por meio do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com ela uma relação de reciprocidade (BRASIL, 1996).

Por fim, a Educação Especial é a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente pela rede regular de ensino para educandos com deficiência. Quando necessário, são oferecidos serviços de apoio especializado na escola regular a fim de atender a peculiaridades da clientela da Educação Especial. O atendimento educacional é feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que as condições específicas dos alunos não puderem ser atendidas nas classes comuns de ensino regular (BRASIL, 1996).

Nesse ponto vale ressaltar que muitas escolas necessitam do auxílio de um segundo professor a fim de atender algumas deficiências de alunos inclusos no ensino regular, o que acaba sendo considerada uma exclusão já que o aluno necessita de um professor diferente para lhe acompanhar. A Educação Inclusiva é válida a partir do momento em que desde a Educação Infantil houver o direito de todos frequentarem uma escola “normal”, regular, sem a necessidade de uma escola especial. Uma criança com deficiência necessita do mesmo acesso que as demais, e a escola precisa aprender a lidar com as diferenças, se organizar e se adaptar a essas dificuldades e à acessibilidade.

Uma das características principais do papel do professor e da escola é propiciar à criança e ao adolescente – devido à sua condição peculiar de pessoa em formação – condições de crescimento, desenvolvimento e amparo.

A Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais, e afirma que a Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável ao pleno exercício da cidadania, da qual depende a possibilidade de conquistar todos os demais direitos definidos pela Constituição Federal de 1988, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), pela legislação ordinária e demais disposições que consagram as prerrogativas do cidadão. É necessário, contudo, considerar as dimensões do “educar” e do “cuidar” em sua inseparabilidade, buscando recuperar a centralidade da função social desse nível da educação – que é o educando – pessoa em formação na sua essência humana (BRASIL, 2010).

1.3 EDUCAÇÃO INFANTIL

Como abordado anteriormente, o processo educativo é de suma importância, em que se destaca a Educação Infantil – primeira etapa desse processo e foco deste estudo – com apoio legal para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, destaca-se o art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/96:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). (BRASIL, 1996).

A criança é considerada um ser em desenvolvimento, repleta de particularidades e, por esse motivo, merece um olhar diferenciado. O Código de Menores, entretanto, regido pela Lei nº 6.697/79, era um documento legal que legislava sobre os indivíduos menores de 18 anos, visando, principalmente, resolver as questões de menores em situações irregulares e de fragilidade social. Esse Código de Menores, na realidade, não defendia os direitos das crianças e dos adolescentes, pois eram considerados incapazes e um problema para as autoridades judiciárias e para o Estado. Por essa razão, eram tratados como objetos, sendo vistos como adultos em miniatura, e não tinham assegurados os seus direitos fundamentais e essenciais, por exemplo, saúde, educação e proteção contra quaisquer violências (BRASIL, 1979).

Com o passar do tempo, principalmente com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, regido pela Lei Federal nº 8.069, essa perspectiva mudou e

as crianças e adolescente passaram a ser tratadas como indivíduos de direitos e a usufruir de proteção integral. A referida Lei nº 8.069/1990 regulamenta o art. 227 da Constituição Federal de 1988, que assegura os direitos e deveres civis às crianças e aos adolescentes:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado, assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, p. 132).

Vale destacar que o art. 2º da Lei nº 8.069/90 estabelece quem é considerado criança e adolescente, sendo que a pessoa até 12 anos de idade incompletos é criança, e o adolescente é aquele com idade entre 12 e 18 anos de idade.

Desse modo, a primeira infância está delimitada na faixa etária entre 0 a 12 anos incompletos, cujo período é extremamente importante ao desenvolvimento social, mental e emocional da criança. Desde o nascimento até os 12 anos incompletos, as crianças exigem cuidados essenciais, como alimentação adequada, proteção, medidas de saúde (higiene, imunizações), orientação pedagógica que lhes proporcione o desenvolvimento educacional e o imprescindível amor, carinho e cuidados familiares (CHALITA, 2001).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), o papel da Educação Infantil é cuidar da criança em um espaço formal, que contemple a alimentação, a limpeza e o lazer (brincadeiras), bem como educar respeitando sempre o caráter lúdico das atividades, primando pelo desenvolvimento integral da criança, além de trabalhar os seguintes eixos: movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, matemática, natureza e sociedade.

Nesse sentido, entende-se que a criança é um ser único que faz parte de um contexto histórico e social em que o profissional docente deve buscar conhecer as suas particularidades a fim de trabalhar de maneira afetiva os aspectos que constituem a Educação Infantil, uma vez que as crianças necessitam de afeto para o seu desenvolvimento.

Diante disso, a Base Nacional Comum Curricular elencou seis direitos de aprendizagem e de desenvolvimento, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Esses direitos procuram proporcionar às crianças diferentes experiências, de suma importância para seu desenvolvimento (BRASIL, 2017).

Assim sendo, o primeiro direito de aprendizagem e desenvolvimento se refere ao conviver – interagir com outras pessoas para então perceber diferença de opinião, de culturas e, principalmente, aceitar os outros, ampliando seus conhecimentos, intra e interpessoais.

Como descrito na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 38): “Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.”

Em seguida consta o direito de brincar, que enfatiza a importância da prática para as crianças. Destarte, é importante oportunizar brincadeiras de diferentes tipos e em lugares diversificados, porém, sempre com objetivos claros. Uma brincadeira com objetivos desenvolve a criança tanto física como psicológica, mental e emocionalmente (BRASIL, 2017). O referido documento destaca:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2017, p. 38).

Este documento também aponta o direito de a criança participar, e se caracteriza no envolvimento com crianças e adultos nos processos de decisão, tanto de gestão como de ambientes, brincadeiras e atividades, o que oportuniza a capacidade de opinião e decisão. Logo, as crianças aprendem a opinar e, por consequência, a serem autônomas desde a Educação Infantil.

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando. (BRASIL, 2017, p. 38).

Na sequência tem-se o direito de explorar, que está relacionado a tudo o que está à sua volta: natureza, gestos, movimentos, pessoas, relacionamentos, objetos, entre outros. Com isso, a criança passa a conhecer e compreender diferentes coisas, entre elas, cultura, arte, ciência, etc.

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BRASIL, 2017, p. 38).

Outro direito de aprendizagem e desenvolvimento da criança é o de se expressar: “Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções,

sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.”

E, por fim, mas não menos importante, consta o direito de se conhecer:

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2017, p. 38).

Entende-se que os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças são muito significativos, pois todos eles se complementam e buscam o crescimento infantil de forma integral.

O documento da Base Nacional Comum Curricular ainda descreve os cinco campos de experiências, os quais são constituídos por conhecimentos fundamentais a serem proporcionados às crianças, todos associados às suas experiências. Com base nesses conhecimentos, os campos de experiências são: “O eu, o outro e o nós”, “Corpo, gestos e movimentos”, “Traços, sons, cores e formas”, “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (BRASIL, 2017).

O primeiro campo de experiência – “O eu, o outro e o nós” – destaca experiências relacionadas à construção da identidade e da subjetividade, as aprendizagens e conquistas de desenvolvimento relacionadas à ampliação das experiências de conhecimento de si mesmo e a construção de relações que devem, na medida do possível, ser permeadas por interações positivas, apoiadas em vínculos profundos e estáveis com os educadores e os colegas. Este campo também ressalta o desenvolvimento do sentimento de pertencimento a um determinado grupo, o respeito e o valor atribuído às diferentes tradições culturais (BRASIL, 2017).

O segundo campo de experiência – “Corpo, gestos e movimentos” – enfatiza as experiências das crianças em situações de brincadeiras, nas quais elas exploram o espaço com o corpo e as diferentes formas de movimentos. É a partir das brincadeiras que as crianças constroem referenciais que as orientam na aproximação ou no distanciamento de determinados pontos. Este campo também valoriza as brincadeiras de faz de conta, nas quais as crianças costumam representar o cotidiano ou o mundo da fantasia, interagindo com narrativas literárias ou teatrais. O campo traz, ainda, a importância de as crianças vivenciarem experiências com as diferentes linguagens, como a dança e a música, ressaltando seu valor nas diferentes culturas, ampliando as possibilidades expressivas do corpo e valorizando os enredos e movimentos criados na encenação de situações fantasiosas ou narrativas e rituais conhecidos (BRASIL, 2017).

Na sequência, o terceiro campo – “Traços, sons, cores e formas” – destaca as experiências relacionadas às diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, inserindo o contato com a linguagem musical e as linguagens visuais, com foco estético e crítico. O campo enfatiza as experiências de escuta ativa, bem como de criação musical, com destaque às experiências corporais provocadas pela intensidade dos sons e pelo ritmo das melodias. Ao mesmo tempo, foca as experiências que promovem a sensibilidade investigativa no campo visual, valorizando a atividade produtiva das crianças nas diferentes situações de que participam, envolvendo desenho, pintura, colagem, etc. (BRASIL, 2017).

O quarto campo de experiência – “Escuta, fala, pensamento e imaginação” – realça as experiências com linguagem oral, as quais ampliam as diversas formas sociais de comunicação presentes na cultura humana, como as brincadeiras de roda, cantigas, jogos cantados, conversas, etc. O campo destaca, também, as experiências com leitura de histórias que proporcionam aprendizagens relacionadas à leitura, à imaginação e, também, à linguagem escrita, instigando a criança a conhecer os detalhes do texto e as suas imagens, bem como a ter contato com os personagens e, assim, perceber no seu corpo as emoções geradas pela história. Esse campo percebe as experiências com as práticas de uso da escrita em contextos significativos, promovendo imitações de atos escritos em situações de faz de conta, assim como situações em que as crianças se arriscam a ler e a escrever de forma autêntica, apoiadas pelo educador, que as induz em reflexões que constituem suas ideias sobre a escrita (BRASIL, 2017).

E, por último, o quinto campo de experiência – “Espaços, tempo, quantidades, relações e transformações” – enfatiza as experiências que favorecem a construção de noções espaciais (longe e perto, frente e atrás), melhorando a organização do esquema corporal e a percepção espacial, baseado na exploração do corpo e dos objetos no espaço. O campo também destaca as experiências relacionadas ao tempo, contribuindo com a construção das noções de tempo físico (dia e noite, estações do ano) e cronológico (ontem, hoje, amanhã, semana, mês e ano), de ordem temporal e histórica. Este campo envolve as experiências em relação à medida, para que por meio de situações-problema em contextos lúdicos, as crianças consigam ampliar e construir novos conhecimentos sobre medidas de objetos, de pessoas e de espaços, e possam aprender procedimentos de contagem, bem como adicionar ou subtrair quantidades, aproximando-se das noções dos números e entendendo a sequência numérica verbal e escrita. O campo destaca, ainda, as experiências de relações e transformações, contribuindo na construção de conhecimentos e valores das crianças sobre diferentes modos de viver das pessoas em tempos passados ou em outras culturas (BRASIL, 2017).

O documento da Base Nacional Comum Curricular propõe, ainda, os objetivos de aprendizagem, considerando que cada faixa etária possui os seus respectivos objetivos num determinado campo de experiência. A divisão em três grupos foi marcada pelas características e diferentes necessidades dessas faixas etárias. Existem especificidades que merecem ser tratadas com mais atenção nas diferentes faixas etárias que compõem a etapa da Educação Infantil, pois apenas um ano de diferença entre as crianças pequenas já representa possibilidades muito distintas de interação com o mundo e com as pessoas. As crianças são separadas por faixa etária da seguinte forma: crianças de zero a 18 meses de idade denominam-se bebês; as crianças bem pequenas são as que possuem entre 19 meses a três anos e onze meses; e as crianças pequenas estão entre quatro anos a cinco anos e onze meses (BRASIL, 2017).

Destaca-se, portanto, a importância da Educação Infantil, caracterizada por muitos estudiosos como a etapa mais importante da vida. Nesse sentido, torna-se necessário compreender a maneira como a Educação Infantil forma o laço afetivo com as crianças, ou seja, a relevância da afetividade na Educação Infantil.

1.4 AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A afetividade é um dos princípios que determinam o êxito do processo de desenvolvimento na Educação. Isso posto, é fundamental destacar o entendimento de Ribeiro (2010, p. 4), para quem

[...] a afetividade é de suma importância para a educação, ou seja, para uma escola construída a partir do respeito, compreensão e autonomia de ideias. A partir da educação afetiva podem-se desenvolver sujeitos que estão no gozo dos direitos civis e políticos e também que desempenham deveres. Sujeitos críticos, que têm opinião própria. Honestos, com verdade em seus atos e declarações, não propensos a enganar, mentir ou fraudar. E responsáveis, que respondem pelos próprios atos. Assim, o desenvolvimento da afetividade é fundamental para qualquer indivíduo.

Desta maneira, pode-se considerar que é de fato impossível separar o ato de educar para a autonomia sem afetividade, uma vez que ela está na base da Educação como um todo.

As crianças, ao ingressarem em creches ou pré-escolas, trazem consigo uma bagagem de sentimentos, vivências e emoções, e ficam pressas ao medo do mundo completamente novo, do desconhecido, do distante, que é de sua casa. Os docentes, da mesma forma como os pais, têm a função de possibilitar um “ambiente uterino” às crianças, isto é, possibilitar um meio capaz de protegê-las e acolhê-las até que se adaptem e sintam segura e autonomia para vivenciar suas experiências, tornando-se sujeitos de sua própria história, o que ocorre a partir

do afeto e da atenção recebidos. “As crianças necessitam conviver em um ambiente onde as relações afetivas estejam presentes. Assim deve ser na escola, como em casa, na comunidade e nos demais meios em que circula.” (NUNES, 2011, p. 8).

Nesse mesmo rumo se manifestam José e Coelho (2001, p. 21):

Para que a criança se desenvolva bem ela precisa de um ambiente afetivamente equilibrado, onde ela receba amor autêntico e onde lhe permitam satisfazer as necessidades próprias do seu estado infantil. Quando isso não acontece, inicia-se uma luta entre o ambiente em que a criança vive e as exigências que ela apresenta, o que fatalmente levará a uma situação de desequilíbrio, possível geradora de comportamentos problemáticos ou até patológicos.

À vista disso, salienta-se a grande importância das escolas para as crianças da Educação Infantil, pois são o início do seu processo de desenvolvimento, e onde necessitam usufruir de um ambiente afetivo para se sentirem seguras.

Dessa maneira, pode-se destacar a importância da afetividade no ambiente da Educação Infantil, que é um dos primeiros núcleos sociais da criança depois da família, principalmente no que se refere à relação professor x criança. As crianças pequenas não aprendem sem afeto e, por isso, necessitam estabelecer um vínculo afetivo com o seu professor para que se sintam bem naquele ambiente educacional e possam se desenvolver integralmente, assim como propõe a atual LDB 9.394/96 ao determinar a finalidade dessa etapa da Educação Básica.

Cabe ressaltar que o desenvolvimento pleno não se limita ao desenvolvimento das habilidades cognitivas, mas engloba a afetividade e os processos psicológicos e sociais da vida da criança. “O pleno desenvolvimento da pessoa humana significa o desenvolvimento em todas as suas dimensões, não apenas do aspecto cognitivo ou da mera instrução, mas do ser humano de forma integral.” (CHALITA, 2001, p. 107). É necessário entender que quem aprende é indivíduo completo, que dispõe de emoções e sentimentos, os quais precisam ser levados em consideração, de maneira proporcional, sem que um se sobressaia ao outro, mas que sejam valorizados e levados em consideração de forma semelhante.

Nessa perceptiva, Arantes (2003) afirma que é necessário humanizar o conhecimento, de forma que haja uma proposta de educação que rompa com as fronteiras e com a divisão entre racional e emocional, entre cognitivo e afetivo. Ou seja, o conhecimento e o processo de desenvolvimento precisam ser vistos sob a óptica da psicogênese da pessoa completa, a qual não considera somente aspectos cognitivos, mas leva em consideração os diversos aspectos da vida de cada indivíduo, humanizando esse processo que, às vezes, é massacrado pela supervalorização do cognitivo.

Neste sentido, Cunha (2010) afirma que se aprende melhor quando se ama, visto que o ser humano é marcado pelo racional e emocional. Isto é, uma criança que ama seu professor e que tem um vínculo afetivo com ele, certamente encontrará na escola um ambiente agradável, e terá prazer de frequentá-la todos os dias. O ambiente educacional precisa ser um lugar de alegria, agradável, fascinante, de trocas e descobertas, de amor e afeto, onde as crianças se sintam bem.

Além disso, o educador se torna uma referência para as crianças, um porto seguro naquele ambiente. É nele que as crianças depositam sua confiança e, caso essa confiança seja quebrada devido à perda da relação afetiva, elas podem perder o interesse e a vontade de estudar, e passar a ver a escola como um ambiente aterrorizante, do qual vão querer distância.

Conforme Fernández (1991, p. 52), para aprender são necessários dois personagens: o educador e o educando, além de um vínculo entre ambos. “[...] Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar.” Logo, conclui-se que a afetividade e a confiança têm papel fundamental no processo de desenvolvimento e também na relação professor-criança, já que são elementos essenciais dessa relação, trazendo resultados significativos ao desenvolvimento infantil. Para a mesma autora, o comportamento do professor em sala de aula influencia significativamente no processo de desenvolvimento da criança. Nesse aspecto, vale ressaltar Vygotsky (1991), que entende haver uma enorme relação entre o afeto que a criança tem pelo professor e a sua vontade de aprender. O autor considera que se a criança não possuir nenhum vínculo afetivo com o seu professor, ela não estará preparada para refletir de forma construtiva e aprender.

Nesse rumo, ressalta-se o entendimento de Galvão (2003, p. 83): “Para algumas crianças, a aprendizagem depende da elevação da temperatura afetiva (isto é, da intensificação do vínculo) possível numa situação de mais intimidade”, o que significa a criação de vínculos afetivos entre a criança e o professor, a compreensão, o respeito mútuo. De modo geral, as relações de afetividade positivas no âmbito de Educação Infantil influenciam significativamente no processo de desenvolvimento das crianças, pois são elas que produzem um ambiente mais agradável.

Wallon (2010) salienta que a relação professor x criança pode influenciar no desenvolvimento infantil, tanto de modo negativo como positivo. Destaca, ainda, que para que a criança tenha um desenvolvimento significativo, rico e proveitoso, é necessário que haja um vínculo afetivo nessa relação.

É importante enfatizar que a relação afetiva que se estabelece nesse âmbito educacional não é romantismo, mas, sim, um vínculo entre seres humanos, uma relação de

afeto no contexto da educação. Desta forma, não se traduz numa relação romancista, clichê, mas sim, de aprendizados, de trocas, baseada no respeito, na compreensão, no saber ouvir, bem como no uso da advertência, quando for necessário.

Conforme Saltini (1997, p. 15), “As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.” As escolas, contudo, geralmente estão focadas em formar indivíduos competentes cognitivamente, que aprendam a ler cedo, a realizar cálculos mentais com facilidade e até mesmo a compreender processos físicos e químicos que ocorrem na natureza. Nesse sentido,

Quando os pais escolhem para o filho uma escola que apenas o prepare para o vestibular, desconhecem que há coisas mais importantes, como a formação da pessoa, do equilíbrio, do preparo para o mercado de trabalho, sim, mas antes e principalmente para a vida em todos os seus aspectos. De nada adianta ser o aluno mais bem colocado na melhor faculdade se não lhe foi inculcida a maturidade para enfrentar os problemas concretos. Se não houver o desenvolvimento da habilidade social e emocional, tudo de mais importante para o jovem se reduzirá a uma busca estéril por boas colocações, por meio de uma insana competitividade. (CHALITA, 2001, p. 58).

Dessa maneira, é necessário compreender que a educação não significa acumular informações ou reunir e transmitir conhecimentos, mas, sobretudo, conforme Chalita (2001), é um ato de afeto que só se completa com amor, e requer um olhar afetivo e amoroso nos ambientes educacionais. Cabe aos educadores compreender que ser afetivo não é permitir tudo, não é “passar a mão na cabeça da criança”, principalmente quando ela está errada, mas, sim, apontar os seus erros e ajudá-la a corrigi-los com carinho e afeto para que no futuro possam ser evitados.

De acordo com essa concepção, Chalita (2001, p. 12) afirma:

Junto com o amor vem o compromisso, o respeito, a necessidade de continuar a estudar sempre, de preparar aulas mais participativas, de repreender com pertinência, de abusar da paciência. Triste é o educador que não acredita mais na capacidade de aprendizado, que não se debruça para examinar melhor a peculiaridade de cada aprendiz.

É a partir da relação entre educador e educando que ocorre o desenvolvimento da criança, bem como a formação do vínculo afetivo entre eles. Por isso, o educador precisa desenvolver estratégias para a criação adequada dessa relação afetiva.

Desse modo, para Chalita (2001, p. 232), “o grande pilar da educação é, sem dúvida, a habilidade emocional.” Em outras palavras, os educadores necessitam trabalhar esses elementos mais subjetivos, precisam dar valor aos afetos, à criação do vínculo e da relação

criada entre o educador e a criança, pois as crianças necessitam de atenção, de carinho, de afeto, elas precisam de um educador que não tenha medo de lhes dar amor e que lhes estenda a mão quando se sentirem inseguras.

Pode-se afirmar, portanto, que a afetividade é algo extremamente necessária nas rotinas pedagógicas da Educação Infantil, seja na relação do educador com a criança, da criança com o professor ou da criança com todos da escola. Ademais, a presença de uma relação saudável entre a criança e o educador contribui de forma significativa no desenvolvimento de ambos – educador e criança.

Chalita (2001) conclui que não há educação sem afeto, e que uma relação que não esteja baseada na afetividade entre educador x criança, o processo de desenvolvimento não ocorre de maneira significativa e, por isso, o desenvolvimento emocional não se concretiza, principalmente no que se refere à Educação Infantil. As crianças necessitam ainda mais de afeto para se sentirem seguras, de modo a construírem, junto ao educador, conhecimentos diversos. Por isso, há necessidade de conscientizar os educadores e os demais responsáveis pela Educação de que a afetividade precisa estar presente em todo e qualquer processo de desenvolvimento, principalmente no âmbito da relação educador x criança.

1.5 AFETIVIDADE E VÍNCULO: COMO FORMAR

As relações e laços afetivos são a base do processo de desenvolvimento da criança. No decorrer da vida são desenvolvidas ligações de afeto e de amor, no entanto, essas ligações não são baseadas somente em sentimentos, mas, também, em forma de gestos.

Hansen (2017, p. 47) argumenta que “[...] o amor é dotado de certos atributos, e para que estejam presentes em uma relação educacional, certas especificidades devem ser cumpridas.” Diante disso, para o educador desenvolver o laço afetivo existem três elementos essenciais que permitem a tranquilidade interna da criança, que são: o olhar, a fala e o toque.

O autor supracitado segue afirmando que a tranquilidade interna da criança significa “sentir-se bem consigo, elemento de base para o desenvolvimento, para a maturação de todos os processos e para toda a aprendizagem de um ser humano em tenra idade.” (HANSEN, 2017, pp. 56-57). Segue afirmando, ainda, que a tranquilidade interna é “encontrar-se consigo, reconhecer-se e colocar-se em condições plenas de expressar-se.” Desse modo, a prática desses três elementos essenciais é uma forma de o educador promover condições fundamentais para que a criança possa encontrar sua tranquilidade interna.

1.5.1 O olhar

O olhar é muito importante para a criança, pois a partir do momento em que o educador olha nos seus olhos, ele atende às suas necessidades e, assim, a criança irá se tranquilizar e se conectar com ele.

Hansen (2017, p. 59) menciona que “através dos olhos se enuncia toda a animosidade do ser, toda sua potência, sua vontade, seus interesses, suas dores, seus sentimentos mais profundos, até seus estados de humor mais passageiros e superficiais.” Assim sendo, observa-se que é por meio do olhar do educador para a criança que acontece a troca de afeto, e nesse instante ele reconhece o que a criança está sentindo. O autor segue afirmando que “[...] devemos aprender a olhar e prestar atenção aos olhos das crianças. Eles nos dizem muito e nos dizem coisas que não encontramos nos livros.”

No momento em que ocorre a troca de olhares entre educador e criança, estes estão carregados de sentimentos, pois “o olhar é um receptáculo e um transmissor de nossos sentimentos.” (HANSEN, 2017, p. 59). Ressalta-se, portanto, a importância do olhar, pois é por meio dele que as crianças se manifestam.

Hansen (2017, pp. 59-60) destaca ainda: “É esse olhar que encanta a criança pequena e evoca nela seus próprios sentimentos. O enlace que acontece, portanto, não é dos olhos, mas do que eles trazem consigo através do olhar: os sentimentos.” É assim que acontece esse enlace, pois “[...] temos o que de mais profundo e misterioso pode vivenciar o educador. A experiência de conexão com o outro. A educação não como ciência, mas como arte. Por isso, o vínculo entre os olhos e os sentimentos ou entre os olhos e o coração [...]” (HANSEN, 2017, p. 60).

Quando existe esse vínculo entre o educador e a criança, a relação se torna agradável e incentivadora para os dois. Dessa forma, Hansen (2017, p. 61) enfatiza que:

A criança pequena não fala ou não fala bem ainda. É com o olhar que se comunica. É com o olhar que nos autoriza a mexer em seu corpo. Se um adulto não nos autoriza, não podemos mexer em seu corpo. E a criança é um ser humano, porém, nem sempre tomamos consciência disso.

É por meio do olhar que se descobre como as crianças estão se sentindo, e como está o seu estado emocional. A partir dessas observações é possível saber como intervir naquele momento ou se cabe apenas observar a fim de perceber as suas descobertas, evoluções, aprendizados e conquistas. Salienta-se, portanto, a importância do olhar do educador sobre a criança, permitindo que ela se expresse a partir dos olhares (HANSEN, 2017).

1.5.2 A fala

É comum pensar que a fala e a voz, assim como o olhar, são transmissores de informações, o que de certo modo é uma das importantes funções do educador. A fala é o elemento essencial para que ele possa desenvolver o laço afetivo com a criança (HANSEN, 2017).

A criança, sendo um ser em desenvolvimento, necessita que o educador a promova e a estimule por meio da fala. Isso mostra a necessidade de o educador falar com a criança, pois é por intermédio da fala que ela irá desenvolver a sua linguagem oral. Alencar (2011, p. 30) afirma que “Para o bebê começar a falar é necessário que, primeiramente, um adulto fale com ele.” A autora ainda destaca que “Além de inseri-los no contexto social e ensinar-lhes a se comunicar pelas palavras, falar com os bebês tem outra função importante: fortalecer o vínculo entre ele e o adulto cuidador.” Além do olhar, portanto, a fala é de extrema importância para a formação do vínculo afetivo e a comunicação entre o educador e a criança.

Alencar (2011, p. 30) aponta nesse sentido que:

é a partir das falas que o adulto dirige ao bebê, que este começa a aprender os sons das palavras e, mais adiante, emite vocalizações, que depois, ao longo de seu desenvolvimento, se transformam em suas primeiras palavras. É na relação com adultos e outras crianças que um bebê constrói seu repertório e torna-se um indivíduo falante como todos nós.

Hansen (2017, p. 62) destaca que “é necessário que o educador conduza sua fala com a criança de forma autêntica e sincera”, ou seja, o educador deve sempre falar de maneira natural e tranquila, e evitar fazer caretas, assim como evitar fingir emoções.

Por outro lado, a fala do adulto com a criança não deve ser idêntica a uma conversa entre dois adultos. Com a criança a fala deve assumir um tom suave, melódico, musical, algo fundamental para sua compreensão, pois normalmente deixa-se conduzir mais pelo ritmo do que pelo significado das palavras ditas. (HANSEN, 2017, p. 63).

Por isso, o autor destaca a importância da fala, pois é a transmissora dos sentimentos. No momento em que o educador fala de maneira harmônica, tranquila e calma com as crianças, ele faz com que elas se sintam seguras e protegidas nos momentos de choros e frustrações, pois é a voz que elas ouvem com mais frequência, tornando-se um porto seguro, como escreve Alencar (2011, p. 30): “Escutar uma voz conhecida o acalma [...]”

Hansen (2017, p. 62) finaliza citando que “as boas palavras são como música que harmonizam os estados mentais, emocionais, as relações sociais e os estados físicos das crianças”, pois quando a fala tem um tom de voz mais suave, ela repercute como música e, assim, a criança encontra a sua “tranquilidade interna”.

1.5.3 O toque

Da mesma forma como o olhar e a fala são elementos essenciais à formação do laço afetivo e para o desenvolvimento da criança, também o toque se torna essencial para esse desenvolvimento.

De acordo com Hansen (2017), não se pode falar de toque sem antes mencionar um dos órgãos mais importantes do corpo humano durante a infância: a pele. A forma como se toca a criança é de extrema importância para haver um relacionamento saudável, pois se ela for tocada de forma rude ou brusca pode quebrar a atmosfera criada até então. Nesse caso, a criança ficaria tensa, com o corpo travado, psicologicamente insegura e com medo. Nessas condições, a criança não pode se desenvolver, uma vez que o medo e a insegurança não permitem que a criança aprenda com naturalidade.

Desta maneira, Nogueira (2011, p. 43) aponta que “o toque pode ser uma agradável fonte de prazer, ou pode proporcionar desconforto, ansiedade e insegurança para a criança.” Por este motivo, percebe-se a importância do toque ser mais calmo e delicado, para que haja o desenvolvimento e a formação do vínculo afetivo.

Segundo Hansen (2017, p. 68), “o toque do adulto na criança precisa ser calmo, suave, delicado, pois essas impressões são levadas para todo o corpo, relaxando-o. E, também, serão levadas para as estruturas psicológicas, permitindo que a criança se sinta segura e tranquila para poder aprender e se desenvolver.” Por essa razão, o educador precisa ser cuidadoso, pois a pele das crianças é muito sensível e perceptível aos toques, principalmente quando são rudes e indelicados. O autor aponta que a criança, ao receber um toque mais calmo e tranquilo, se desenvolve com mais facilidade, permitindo que alcance a sua “tranquilidade interna”.

O autor destaca, ainda, que “Devemos saber que a suavidade precisa ser treinada, aprendida, aperfeiçoada. Não é apenas a maneira como o adulto toca a criança, mas também a velocidade, o ritmo, a estética de seus movimentos.” (HANSEN, 2017, p. 68). Ou seja, não é somente a forma como o educador toca a criança, mas o modo como ele se movimenta perto dela, pois se ele se move de maneira brusca e inesperada, as crianças percebem imediatamente, e ficarão agitadas e assustadas, temendo as suas reações.

As crianças são muito sensíveis e ligadas a tudo ao seu redor, principalmente ao tom de voz, aos olhares e expressões dos educadores, bem como à forma como são tocadas, pois esses são elementos essenciais para o seu desenvolvimento. Em vista disso, Hansen (2017, p. 71) afirma que:

Quando há um toque suave, somando à fala e ao olhar adequado para a criança, sua pele psicológica pode formar-se e, então, atuará como um fio condutor que dará coerência e coesão para todas as experiências da criança. A criança torna-se, então, capaz de situar essas experiências em torno do que ela é, do que ela percebe de si mesma.

No momento em que o educador somar uma fala calma a um olhar acolhedor e a um toque leve e suave ele consegue fazer com que a criança se expresse mais livremente e não se sinta pressionada, tendo uma melhor experiência durante o seu desenvolvimento.

Compreende-se, portanto, a importância dos três elementos essenciais para o educador criar um laço afetivo com as crianças, que são: o olhar, a fala e o toque. Esta é uma forma de proporcionar condições fundamentais para a criança encontrar a sua “tranquilidade interna” e, assim, desenvolver outros aspectos importantes no seu processo de desenvolvimento, como os cognitivos e sociais.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A definição da metodologia de um estudo tem o propósito de optar por um caminho a ser trilhado ao longo da sua realização, onde são delimitados os procedimentos a serem seguidos para o alcance dos seus objetivos (GIL, 2008).

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 14), a metodologia consiste

[...] em estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica. A Metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação. .

Segundo os mesmos autores, a metodologia consiste basicamente na aplicação dos procedimentos técnicos que são observados durante a construção do conhecimento, a fim de confirmar a sua validade e conveniência dentro do campo social (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Gil (2008, p. 17) complementa, afirmando que a pesquisa é definida como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Uma pesquisa só inicia se houver uma dúvida, uma pergunta que leve a encontrar uma resposta. Em outras palavras, pesquisar é procurar/buscar uma resposta para aquela pergunta ou dúvida (GIL, 2008).

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O presente estudo possui natureza teórico-empírica, em que a pesquisa teórica é caracterizada pela consulta em livros ou documentos escritos e tem como função ampliar os conhecimentos sobre determinado assunto, enquanto a pesquisa empírica é aplicada, ou seja, nela ocorre a observação da prática (RAMPAZZO; CORRÊA, 2008).

Já a abordagem da pesquisa se caracteriza como qualitativa – método definido por Gerhardt e Silveira (2009) como aquele que busca explicar o motivo de as coisas acontecerem, sem expressar valores e tampouco se submeter à validação dos dados, pois esses não são mensuráveis. Rampazzo e Corrêa (2008) conceituam a pesquisa qualitativa como um processo no qual todos os fenômenos são importantes, pois buscam a compreensão, analisam e interpretam os dados coletados.

Além de ser uma pesquisa teórico-empírica e possuir cunho qualitativo, ela também pode ser caracterizada como descritiva, já que busca descrever as características de certo fenômeno ou população. As pesquisas descritivas que mais se acentuam são as que estudam as características de um determinado grupo, como idade, renda ou escolaridade. Nesse grupo de pesquisas estão inclusos os levantamentos de opiniões, crenças ou atitudes de uma determinada população (GIL, 2008).

A pesquisa também pode ser definida como bibliográfica, uma vez que busca fundamentar, a partir da teoria, o objeto a ser estudado, auxiliando com dados e elementos que complementam a análise de dados obtidos (LIMA; MIOTO, 2007). Além de ser bibliográfica, a pesquisa também conta com um levantamento de dados realizado por meio de um questionário (Apêndice I) que, segundo Barros e Lehfeld (2007), é o método mais utilizado para a obtenção de informações. O questionário não tem limite de perguntas, no entanto, é aconselhável que não seja muito extenso para que o respondente não se desgaste e, conseqüentemente, desanime e desista de respondê-lo.

2.2 SELEÇÃO E POPULAÇÃO DE AMOSTRA

Visando desenvolver novos conhecimentos sobre o tema pesquisado, definiu-se o universo e a população amostral da pesquisa. Rampazzo e Córrea (2008, p.87) destacam que “a amostra é a representação menor de um todo maior, a fim de que o pesquisador possa analisar um dado universo (população). Portanto, sua utilização objetiva estender as características encontradas para o todo.” É a partir da amostra que são realizadas análises pertinentes às características da população e sobre o tema pesquisado.

Em vista disso, e a fim de obter um melhor entendimento dos vínculos afetivos entre educador x criança, realizou-se uma coleta de dados no Centro de Educação Infantil de Tunápolis, localizada atualmente na Rua João Castilho, nº 418, no município de Tunápolis-SC. Para extrair mais informações sobre a afetividade na Educação Infantil, foi entregue um questionário às professoras que atuam com as turmas de crianças da Escola. Assim sendo, o questionário (Apêndice I) foi aplicado a 10 professoras que atuam na área, além da gestora da instituição.

2.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Com o intuito de agregar mais qualidade ao estudo que trata da afetividade na Educação Infantil, foi entregue um questionário (Apêndice I) às educadoras que atuam com as turmas de crianças e, também, à gestora da instituição, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice II). Por meio desses questionários foi possível obter mais informações e conhecimentos sobre o tema pesquisado. Nesse sentido, Vieira (2010, pp. 99-100) destaca que “os questionários se constituem em instrumentos de coleta de dados, especificamente elaborados com o objetivo de obter respostas para questões que são importantes para o desenvolvimento das pesquisas.” Assim sendo, compreende-se que os questionários contribuem de maneira significativa para o pesquisador obter informações sobre o tema pesquisado e evoluir na sua pesquisa.

2.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise e interpretação dos dados se torna indispensável após a sua coleta. Rampazzo e Córrea (2008, p. 100) ressaltam que “após a coleta dos dados de pesquisa, inicia-se o processo de análise, classificação e interpretação das informações coletadas.” Entende-

se, portanto, que o momento da análise e interpretação dos dados favorece o desenvolvimento do estudo em questão e proporciona a compreensão da teoria e da prática. Para melhor compreensão, a análise de dados será organizada em categorias.

Os dados da pesquisa caracterizam-se de maneira qualitativa e necessitam de uma visão mais profunda do contexto em que a mesma é aplicada, bem como a interação do pesquisador com o objeto do estudo (VIERA, 2010).

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A apresentação e análise dos dados são fundamentais após a coleta de dados, cujo processo veio a complementar a pesquisa bibliográfica. A busca pelos dados práticos foi realizada junto à equipe de professoras e gestora do Centro de Educação Infantil de Tunápolis que, após explanação dos objetivos do estudo, aceitaram participar da pesquisa e responder aos questionários.

O Centro de Educação Infantil localiza-se na Rua João Castilho, nº 418, no município de Tunápolis-SC. Sua história educacional data de muitos anos, ao longo dos quais vem oferecendo ensino às turmas do Ensino Fundamental e da Educação Infantil. Até 2011 possuía vinculação direta com o Centro Educacional Helga Follmann, que atendia Educação Infantil e Ensino Fundamental em rede conjunta.

Figura 1. Fachada da escola



Fonte: Arquivo da escola (2020).

Em 2011, a instituição foi intensamente caracterizada pela criação singular do Centro de Educação Infantil de Tunápolis, regida pela Lei complementar nº 028/2011, de 15 de dezembro de 2011, visando atender crianças de zero a três anos nas creches, bem como as crianças de três a seis anos na Educação Infantil, seja Maternal, Jardim ou Pré-Escolar (CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE TUNÁPOLIS, 2016).

Desde então, a instituição é mantida pela Prefeitura Municipal de Tunápolis, SC, é administrada pela Secretaria Municipal da Educação, Cultura, Esporte e Turismo e conta com uma equipe de funcionários formada por educadores efetivos e contratados temporariamente, todos habilitados para exercer as suas funções, o que possibilita o desenvolvimento e a aprendizagens dos alunos.

A escola ainda conta com o Berçário, porém, como são duas turmas essas não estão localizadas na escola por falta de espaço, mas em outro local, ou seja, na Avenida Cerro Largo, no antigo prédio do CRAS, onde atende crianças de zero a um ano e nove meses.

Atualmente, a escola atende cerca de 167 alunos, dos quais 55 frequentam a creche e os demais o Maternal, Jardim e Pré-Escola. Conta, para tanto, com uma equipe de funcionários, formada por uma gestora, cinco professores de creche e 11 professores das turmas do Pré-Escolar (três a seis anos), dos quais seis são professores de disciplinas específicas, como Artes, Educação Física e Informática. Também constituem a equipe quatro auxiliares de creche, duas estagiárias, três merendeiras e uma faxineira.

Visando um melhor entendimento da instituição escolar, buscou-se em arquivos da escola, alguns documentos que possibilitaram compreender a sua filosofia, sistema de avaliação dos alunos e proposta pedagógica.

A escola tem como finalidade proporcionar educação de qualidade para todos, bem como uma educação que desenvolva a autonomia dos alunos a fim de que se tornem aptos a praticar a liberdade de expressão e o desenvolvimento da sua identidade.

Conforme o Projeto Político-Pedagógico da Escola, “É necessário que os profissionais da unidade escolar desenvolvam com qualidade a filosofia da escola, que sintetizada é: Educar – Brincar e Cuidar.” (CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE TUNÁPOLIS, 2016, p. 8).

A avaliação dos alunos da instituição acontece de forma semestral, sendo que a cada semestre é realizado um relatório descritivo de cada aluno, enfatizando as suas habilidades, dificuldades e comportamento no ambiente escolar. O relatório conclusivo é entregue aos pais ou responsáveis (CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE TUNÁPOLIS, 2016).

Após conhecer a proposta da Escola, delineada em seu Projeto Político-Pedagógico, procedeu-se o encaminhamento dos questionários à gestora para que fizesse a sua entrega às professoras da Educação Infantil. Juntamente com os questionários foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice II). Foram entregues 10 exemplares do questionário, o qual é composto por 11 questões qualitativas, as quais abordam a afetividade na Educação Infantil, a importância do vínculo afetivo no desenvolvimento da criança e a influência da afetividade no processo da vida da criança. Dos questionários entregues às educadoras do Centro de Educação Infantil de Tunápolis, obteve-se o retorno de nove exemplares respondidos.

Para que a identidade das participantes se mantivesse em sigilo, foram utilizados nomes fictícios, respectivamente enumerados em ordem, ou seja, professora 1, professora 2, professora 3, professora 4, professora 5, professora 6, professora 7, professora 8 e gestora.

Inicialmente, elaborou-se uma tabela que permitisse compreender o tempo de atuação de cada uma das educadoras da Educação Infantil (Quadro 1).

Quadro 1. Tempo de atuação das educadoras na Educação Infantil

Professor(a)	Tempo de atuação na educação infantil
Professora 1	8 anos
Professora 2	4 anos
Professora 3	25 anos
Professora 4	10 anos

Professora 5	5 anos
Professora 6	2 anos
Professora 7	5 anos
Professora 8	10 anos
Gestora	8 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

De acordo com os dados do Quadro 1, o tempo de atuação das professoras respondentes varia entre a professora 3, que tem o maior tempo de atuação na Educação Infantil (25 anos), e a professora 6, com menor tempo de atuação (2 anos).

Os dados obtidos com os questionários permitiram dividir as respostas em três categorias a fim de facilitar a compreensão das informações, as quais são ilustradas com as respectivas respostas das educadoras.

Em relação às categorias, a primeira se refere à Educação Infantil e à relação com o educador; a segunda categoria trata da contribuição e dos benefícios da afetividade no desenvolvimento da criança; e a terceira descreve as consequências da ausência da afetividade no desenvolvimento infantil.

3.1 EDUCAÇÃO INFANTIL E A RELAÇÃO COM O EDUCADOR

A Educação Infantil é uma das mais importantes fases do desenvolvimento humano, seja em qualquer um dos seus aspectos: intelectual, emocional, social ou motor. É, por conseguinte, uma fase de aprendizagem e de desenvolvimento que prioriza o cuidado, a proteção e o amor.

Considerada o suporte inicial no processo educacional ou a primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil necessita de um ambiente acolhedor, onde as crianças possam vivenciar toda a sua plenitude, como determina o art. 29 da LDB (BRASIL, 1996).

É expressiva a importância da Educação Infantil na vida de uma criança, considerada um dos seus primeiros vínculos sociais, pois é nessa etapa que ela começa a se desenvolver, fortalecendo o seu desenvolvimento integral em todos os aspectos, tanto cognitivos como sociais.

As educadoras participantes desta pesquisa foram questionadas sobre a forma como poderiam descrever a Educação Infantil na vida da criança. Para a professora 1 a Educação Infantil *“é uma fase da vida de muita aprendizagem e desenvolvimento”*, enquanto a gestora descreve a Educação Infantil na vida da criança como *“um período rico em aprendizagem, desenvolvimento, cuidado, amor e respeito.”*

A Educação Infantil é uma fase essencial para a criança no que se refere ao seu desenvolvimento e aprendizagem, portanto, é fundamental que o educador conheça o seu educando de forma particular, principalmente no que diz respeito aos estágios de desenvolvimento cognitivo.

A principal função da Educação Infantil é compreender e identificar o jeito particular de cada criança ser e se situar no mundo, sempre respeitando as suas individualidades e diferenças. Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, pp. 21-22) expressa que:

As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circundam, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam, e por meio de brincadeiras, explicitam as condições de vida às quais estão submetidas e seus anseios e desejos.

Dessa maneira, compreende-se que a Educação Infantil vai além do “cuidar”, ela possui, ainda, o comprometimento de educar. Para tanto, necessita estar conectada às concepções de desenvolvimento nas diversas interações e práticas sociais, ligadas à linguagem e aos diversos conhecimentos na construção de uma identidade autônoma.

A professora 3 defende a Educação Infantil como um espaço *“em que a criança inicia a sua vida social mais ampla. Aprende a conviver e aprender com seus pares.”*

De acordo com Antunes (2004, p. 9), “a Educação Infantil é tudo; o resto, quase nada”, o que é inteiramente verdade, uma vez que é nesse período que a criança desenvolve e começa a aprimorar as suas habilidades mentais, afetivas, cognitivas e psicomotoras.

A professora 7 descreve a Educação Infantil na vida da criança como *“uma fase muito importante para o seu desenvolvimento, é a partir dali que a criança se insere no meio educacional e seu desenvolvimento começa a ser respeitado.”*

Percebe-se, desse modo, a importância que a Educação Infantil tem na vida das crianças, pois é ali que se dá o início do seu processo de desenvolvimento, razão porque necessitam ter um ambiente que seja afetivo e faça com que se sintam acolhidas e seguras.

Para o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 15),

[...] As instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimento acerca de si mesma, dos outros e do meio em que vivem.

É, portanto, na escola que as crianças necessitam ser desafiadas com o intuito de desenvolverem o seu autoconhecimento e a compreensão do próximo, de maneira natural e de forma segura. A instituição da Educação Infantil precisa fornecer os meios e as ferramentas para que essas crianças consigam se desenvolver a partir dos desafios propostos.

À vista disso, destaca a professora 3:

Uma instituição de educação infantil que tem como preocupação central os pequenos que ali estão precisa ter como principal preocupação: estar junto com a família e estabelecer um vínculo para conhecer bem cada criança, suas potencialidades, suas dificuldades e atender cada uma nas suas individualidades. Ter como preocupação, também, estudar cada fase de desenvolvimento, para assim poder ajudar cada criança naquilo que ela mais necessita nessa fase importante da sua vida. E, ainda, como educadores, precisamos lembrar que o nosso jeito de ser afeta a criança mais do que tudo e antes do que tudo. Por isso precisamos ter claro que antes de fazermos isso ou aquilo com a criança, ela é afetada por nossa maneira de pensar, por nossas intenções, por nossos estados emocionais, por nosso humor. Mesmo porque essa condição de ser e estar do adulto irá contagiar tudo aquilo que ele faz e a forma como faz.

É de extrema importância que a escola tenha um diálogo aberto e franco com as famílias, uma vez que devem ser consideradas parceiras no processo de educação das crianças. A família é responsável pela consumação dos direitos básicos das crianças, e é de direito das mesmas serem educadas no seio familiar (BRASIL, 1998).

Deste modo, Hansen (2017, pp. 100-101) aponta que “Na Educação Infantil um ambiente bem preparado deve oferecer condições de espaço e brinquedos que permitam experiências sensório-motoras e emocionais para que as crianças as vivenciem de forma autônoma.” Em outras palavras, o ambiente necessita ser preparado para as crianças não dependerem do adulto para produzir experiências.

A professora 4 descreve a Educação Infantil na vida das crianças como: “*Importante, pois ela interage com as outras crianças e com adultos diferentes. Além das ganhas em autonomia, segurança, experiências e vivências.*”

A Educação Infantil constitui uma fase decisiva no desenvolvimento e na formação integral da criança, a qual é compartilhada com as professoras que responderam os questionários. Em vista disso torna-se indispensável conhecer cada fase do desenvolvimento infantil para que possa atender todas as necessidades da criança.

Para a professora 5, a Educação Infantil na vida da criança “*É uma fase muito importante para o seu desenvolvimento integral.*” Da mesma forma, a professora 2 afirma: “*Acredito que seja a principal etapa da educação, etapa que contribui para a formação integral da criança.*”

Destarte, a Educação Infantil é a fase mais importante na vida das crianças, pois é o início de uma longa jornada na educação. É necessário, portanto, que os ambientes propostos para esse nível de ensino sejam acolhedores e seguros a fim de que as crianças possam se sentir bem e se desenvolver de forma integral.

As professoras concordam sobre a importância da Educação Infantil na vida da criança, bem como consideram importantes as experiências e vivências dessa fase para o seu desenvolvimento.

Ao serem questionadas a respeito do que consideram que não pode faltar na Educação Infantil, a professora 2 assim se manifestou: *“Penso que não pode deixar de ter interações sociais, pois acredito que a gente se faz gente mediante ao linguajar com o outro, nas trocas e convívio com o outro.”*

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, pp. 21-22), “Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem.” Nesse sentido, a Educação Infantil é um ambiente em que as interações são intensas e realizam um papel de suma importância em todo o processo de escolarização.

A gestora considera que não pode faltar *“Respeito pelo tempo de cada criança, seja no seu desenvolvimento ou no desenvolver algo.”* Entendimento semelhante possui a professora 4, que afirma: *“Respeito as diferenças e os momentos de cada criança.”* É de extrema importância que a escola respeite o tempo de desenvolvimento de cada criança para que a mesma não se sinta pressionada a aprender, tendo, assim, uma experiência tranquila e prazerosa durante o seu desenvolvimento integral.

Para Falk (2016, p. 46), “A criança sente que é aceita quando tem o direito de ser tal como é, quando pode viver segundo o seu próprio ritmo de desenvolvimento. Ritmo que não só tem que ser tolerado, mas respeitado”.

Para a professora 1 não pode faltar na Educação Infantil: *“Afeto e atenção”*, o que se assemelha às palavras da professora 5: *“Atenção, compreensão da fase que a criança está vivendo, amor e carinho.”*

Para que a criança forme estruturas cognitivas e psicossociais é de extrema importância valorizar certos aspectos, como, por exemplo: atenção, cuidado, carinho e socialização com outras pessoas.

Diferente das outras educadoras, a professora 6 acredita que algo que não pode faltar na Educação Infantil é a *“estimulação e maior comprometimento por parte dos pais.”* A escola é a instituição responsável pelo processo de formação da criança, contudo, a família

deve assumir um papel ativo nesse processo, firmando parceria com a instituição que, na prática, se manifeste de forma recíproca. A família, portanto, deve acompanhar e participar das atividades escolares, enquanto a escola deve atentar às características de origem da criança, além dos valores, expectativas e percepções oriundos do contexto doméstico (SILVA; KAULFUSS, 2017).

Assim sendo, ressalta-se a importância da Educação Infantil, considerada uma fase muito importante na vida das crianças. Nessa perspectiva, torna-se indispensável compreender a relação do educando com o educador, a qual é de suma importância no processo de desenvolvimento da Educação Infantil. O educador, nesse contexto, tem papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois envolve seus interesses e buscas.

A base da relação entre professor e aluno precisa ser o respeito entre ambas as partes, juntamente com a afetividade, tornando, desta forma, a sala de aula num ambiente favorável à aprendizagem e ao desenvolvimento.

Segundo Vasconcelos *et al.* (2005, p. 3), “as relações afetivas que o aluno estabelece com os colegas e professores são de grande valor na educação, pois a afetividade constitui a base de todas as relações da pessoa diante da vida.” Em outras palavras, para que haja um bom relacionamento entre o educador e o educando, a afetividade é de extrema importância, já que o desenvolvimento de ambos está ligado diretamente às interações sociais.

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações. (TASSONI, 2000, p. 3).

O autor destaca que a afetividade está diretamente ligada à aprendizagem e totalmente envolvida nas relações sociais, uma vez que o desenvolvimento da criança não ocorre apenas por meio de livros ou de conteúdo escolar, mas, também, na relação com outras pessoas.

As educadoras foram questionadas a respeito da afetividade, e se a mesma deve ser trabalhada pelo professor como um recurso indispensável ao desenvolvimento da criança. A professora 1 concorda que a afetividade deve ser trabalhada pelo professor: “*Com certeza. É com afeto que se atende as necessidades da criança, os estímulos para o desenvolvimento das habilidades na fase certa.*”

Nesse sentido, Nogueira (2011, p. 103) assim se manifesta:

Os estímulos e investimentos afetivos e o acolhimento dos educadores poderão minimizar os efeitos dessa condição e inscrever essas crianças em outra perspectiva, pois não necessariamente a ruptura com as figuras de ligação comprometerá o desenvolvimento ou instalará marcas intransponíveis ao longo da vida.

Quando a criança está inserida em um ambiente repleto de estímulos, ela se desenvolve de forma integral, motora, afetiva e cognitiva.

Após ser questionada sobre a importância de o professor trabalhar a afetividade, a professora 3 fez o seguinte comentário,

Sim. Nós educadores precisamos estar conscientes da importância que reveste a educação das crianças pequenas, da influência que esta educação terá sobre toda a vida. No momento em que nós somos afetuosos com os pequenos, quando realmente prestamos atenção aos interesses e desejos deles, se abrem inúmeras oportunidades de aprendizagens.

É na Educação Infantil que começa o desenvolvimento da criança e dos seus valores. Por essa razão, os professores precisam estar conscientes da importância dessa etapa para a vida das crianças, assim como da influência que terão sobre elas.

Ainda sobre a questão da importância de o educador trabalhar a afetividade, a gestora descreve: *“Acredito que sim. Quando nos envolvemos emocionalmente com a criança e demonstramos que a compreendemos e que a respeitamos, tudo ‘flui’ melhor.”*

A criança, ao sentir que os educadores se envolvem emocionalmente com ela, e que demonstram compreensão e respeito em relação a ela, se desenvolve melhor. Chalita (2001) afirma que para trabalhar com crianças da Educação Infantil o educador precisa ter sensibilidade com suas emoções, estar pronto para enfrentar situações que necessitam de paciência, compressão e técnica, além da capacidade de gerir imprevistos que necessitem de flexibilidade e criatividade e ter conhecimentos ligados a aspectos afetivos para o bem dos alunos.

Nesse sentido se manifesta a professora 6: *“Sim, porque é na primeira infância que o ser humano constrói suas bases cognitivas, emocional, motora, social e ética.”*

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 30) reforça que o professor é o mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento. Para tanto, deve atuar

[...] organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano.

O professor de Educação Infantil é um parceiro experiente, e sua função principal é possibilitar e afirmar que as crianças tenham um ambiente prazeroso, saudável e rico de experiências educativas e sociais.

A relação entre educadores e educandos é um sentimento cercado de marcas que estarão para sempre com eles, sejam boas ou ruins. Nessa relação de afetividade, ambos devem buscar construir conhecimentos e valores benéficos. Segundo Chalita (2001, p. 164):

[...] para que possa transmitir afeto é preciso que sinta afeto, que viva afeto. Ninguém dá o que não tem. O corpo transborda quando está cheio; o mestre tem que transbordar afeto, cumplicidade, participação no sucesso, na conquista de seu educando; o mestre tem de ser o referencial, o líder, o interventor seguro, capaz de auxiliar o aluno em seus sonhos, em seus projetos.

A respeito desse questionamento a professora 7 assim se manifesta: *“Sim. Para a criança o afeto é uma forma de confiar e se sentir segura, dessa forma a criança aprende melhor. O espaço da sala de aula também recebe contribuição quando se tem a afetividade.”*

Silvério Júnior e Moreira (2017, p. 202) destacam que: “O professor é o grande responsável por estimular e manter esse vínculo afetivo; é a figura do professor que fornece segurança ao aluno no ambiente escolar e em seu envolvimento com o processo ensino-aprendizagem”. Claro está, portanto, a importância do educador na vida das crianças, pois é ele que contribui no seu processo de desenvolvimento, ou seja, é ele que oferece segurança e afeto para que as crianças se sintam seguras e amadas.

As crianças, ao ingressarem na Educação Infantil, carregam consigo diversas vivências, emoções e expectativas com o mundo novo. Em consideração a isso, as educadoras foram questionadas acerca das expectativas das crianças com relação ao educador.

A professora 1 expressa: *“Acredito que toda criança vem com a expectativa de ser tratada pelo educador igual como em sua família ou até melhor. Então, temos a obrigação de dar o melhor de nós em prol da criança, ao contrário, com certeza a criança não esquecerá e não seria bom.”*

A criança, ao ingressar na instituição de ensino, não sabe o que irá encontrar e tampouco a forma como as pessoas irão agir com ela, porém, esperam que seja de uma forma semelhante ao que acontece em sua casa, com respeito, amor e atenção. O professor precisa ter a empatia de compreender as necessidades da criança para que a mesma tenha a melhor experiência possível dentro da escola.

Ainda em relação às expectativas que as crianças têm ao ingressarem na escola, a gestora acredita que elas esperem *“que o educador a compreenda, deixe-a vivenciar sua infância de modo que o respeito seja a principal chave para um desenvolvimento saudável.”* Já a professora 2 imagina que a criança espera ser compreendida *“como um ser de grande pureza, serenidade e incrivelmente sem maldade e que adentra no ambiente escolar desejando ser bem recebida e que no espaço escolar talvez seja único refúgio afetivo das*

crianças.” A professora 8 acredita que ela deva “*ser compreendida, ouvida, ser tratada com carinho e respeito.*”

No entendimento de Klausen (2015, p. 8) a esse respeito,

É necessário estar em sintonia e compreender o aluno para com ele estabelecer uma relação dialógica, significativa e compromissada com a construção do conhecimento. Neste sentido, deve ser considerado relevante o conhecimento de mundo do educando para que a prática educativa seja concretizada e elevada além do contexto escolar.

Nesse sentido, o educador necessita compreender a criança para estabelecer uma relação afetiva e com diálogo, de forma a auxiliar no seu desenvolvimento.

A professora 1, ao responder uma pergunta do questionário, de cunho pessoal, que busca entender a forma como as educadoras percebem a relação afetiva estabelecida com os educandos, relata: “*Muito boa, tanto é que quando chego em sala, eles todos já estão, daí me chamam pelo nome. Como esse ano tivemos pouco tempo de contato depois da adaptação, mesmo assim já consegui fazer, estabelecer uma boa relação de vínculo afetivo.*”

Já a professora 7 acredita que “*A relação afetiva é percebida na forma com que se dá atenção ao que as crianças falam e fazem, percebendo detalhes no seu comportamento, mostrando proximidade.*” Ao observar os dizeres das professoras, pode-se perceber que a afetividade é transmitida por meio da atenção dada à criança, pois, de acordo com a professora 4, “*respeitando a criança, cada momento levando em consideração seus desejos, necessidades. Criar o vínculo, logo, é de suma importância para o despertar da criança.*”

Apesar da afetividade e da aproximação do educador com o educando ser de extrema importância para o seu desenvolvimento, nem sempre é fácil estabelecer uma conexão com as crianças, como relata a gestora: “*Boa, no geral, porém, nem sempre consigo estabelecer uma relação ‘saudável’ com certas crianças. Tem algumas – geralmente as que não têm as regras e limites bem definidos – que parecem ‘bloquear’ o envolvimento afetivo.*” Em complementação aos dizeres da gestora, pode-se acrescentar a fala da professora 2:

Acredito que estamos em constante evolução. Minhas metodologias de trabalho de Educação Infantil são pautadas por brincadeiras, relações sociais, recreação, o que oportuniza uma relação harmônica. Acredito que posso melhor no que dizer respeito a ouvir mais as crianças. Por vezes, me fecho ao sistema (horário, carga horária, cumprimento de conteúdos, eixos, habilidades...). E esqueço que por trás de tudo isso, há um ser incrível, que muitas vezes só quer um pouco de atenção, ser ouvido.

Percebe-se, nas palavras descritas acima, que a afetividade transforma de maneira positiva as crianças, facilitando a sua interação social, suas habilidades e melhorando o seu

desenvolvimento em todos os aspectos. A criação desse vínculo, contudo, não é fácil e, por vezes, pode ser demorado, mas os educadores precisam buscá-lo constantemente, bem como tentar melhorar de forma contínua as suas ações acerca da afetividade.

A partir do exposto compreende-se que as educadoras participantes desta pesquisa conhecem a importância dessa fase do desenvolvimento, assim como de sua função nesse processo. A partir disso é possível concluir que a Educação Infantil é de extrema importância no processo de desenvolvimento da criança, assim como a relação do educador com o educando. É relevante destacar, ainda, que nas perguntas realizadas às educadoras acerca da importância da afetividade na relação educador x educando, as educadoras deixaram bem claro em suas descrições que o vínculo afetivo é muito importante no desenvolvimento da criança para que ela se sinta segura. O educador necessita compreender o educando, ser paciente, amoroso e eliminar os medos da criança.

3.2 CONTRIBUIÇÕES E BENEFÍCIOS DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

No momento em que se busca um entendimento mais profundo das contribuições da afetividade no desenvolvimento da criança, percebe-se que há uma preocupação com o seu conhecimento integral, e que a relação existente entre a afetividade e as diversas concepções do seu desenvolvimento possibilita esse processo.

A afetividade é muito importante quando se fala em desenvolvimento, pois a criança aprende do seu jeito, sendo capaz de se desenvolver se tiver o estímulo certo em suas fases de desenvolvimento. Diversos autores definem a afetividade como o ato de praticar algo com afeto, simpatia, amor, paixão, amizade e sentimento, elementos que são cruciais quando se fala em afetividade. Também é possível definir “afeto” a partir do carinho, da atenção, acolhimento e respeito ao próximo.

Levando em considerações esses aspectos, as educadoras participantes desta pesquisa foram questionadas sobre o que compreendem por “afetividade”. A professora 2 afirma: *“Compreendo que seja algo que abranja mais fenômenos, a exemplo das emoções, sentimento, autoestima, respeito, papel de escutar do educador, olho no olho, entre outros.”*

Segundo o Dicionário Aurélio (1999), a afetividade é um grupo de fenômenos psíquicos que se mostram em forma de emoções, paixões e sentimentos, juntamente com a sensação de dor ou prazer, de insatisfação ou satisfação, de alegria ou de tristeza.

Para a gestora, afetividade *“é sentimento, é ligar-se a outra pessoa – transmitir o que se sente.”* Este pensamento é semelhante ao da professora 8, que afirma: *“a afetividade*

permite mostrar seus sentimentos, emoções na convivência diária.” A professora 7 complementa, dizendo que: *“Afetividade é demonstração de carinho e atenção com a criança, se torna fundamental para o seu desenvolvimento e confiança no adulto.”*

Pode-se compreender nas palavras da gestora e das professoras 7 e 8, que a afetividade é entendida como uma demonstração de sentimentos na convivência diária com os educandos, os quais são fundamentais para as suas relações e desenvolvimento dentro da instituição.

De acordo com a professora 6, a afetividade é: *“Demonstração de carinho, cuidado e respeito.”* Já a professora 4 descreve: *“Afetividade é o cuidado, o zelo com as pessoas que nos cercam. O respeito à diversidade e às especificidades de cada um.”*

Hansen (2017, p. 76), ao se referir à afetividade com as crianças, afirma: *“A criança passará a amar profundamente aquele que se ocupa de seus cuidados com carinho e atenção”,* ou seja, aquele que lhe der a devida atenção, que se mostrar presente e agir positivamente no seu desenvolvimento, passará a ser amado por ela de forma diferente das outras pessoas.

Para a professora 1, a afetividade é descrita como: *“Estar disponível para a criança física e psicologicamente. Bem-humorada com a criança, saber o momento que ela precisa uma atenção toda para ela e atender.”* Esse entendimento é semelhante aos dizeres da professora 3, que complementa: *“é um olhar cuidadoso e empático para cada criança, conferindo sentido à sua existência através da fala e do toque.”*

A partir das palavras descritas pelas professoras 1 e 3 pode-se concluir que para elas a afetividade é o fato de se doar inteiramente às crianças, estar sempre disponível e tentar compreender o máximo possível a forma como elas se sentem e quando necessitam atenção.

As educadoras foram questionadas se acreditam que a afetividade contribui para o melhor desenvolvimento das crianças e de que forma isso acontece. A professora 1 descreve: *“Contribui e muito. Principalmente nos momentos da troca e alimentação, quando são de creche berçário. É nesse momento que é preciso olhar no olho, conversar, explicar tudo que será feito. É preciso acolher a criança, fazer ela se sentir bem, confortável e atenciosa.”*

A esse respeito Hansen (2017, p. 79) se manifesta, afirmando que:

Durante a troca, o educador deve falar exatamente tudo o que se vai fazer com a criança. As palavras transferem os sentimentos do adulto para a criança. E precisamos envolver a criança com nossos bons sentimentos para que ela se sinta segura o suficiente em um momento delicado como é a troca.

Ao falar com a criança no momento da troca de fraldas, ela saberá o que está acontecendo com o seu corpo naquele momento e, assim, irá se envolver. Desse modo, para que as crianças se sintam seguras e confiantes naquele espaço, o educador necessita lhes

transmitir tranquilidade. Para que uma criança amadureça, se desenvolva e tenha um bom processo de aprendizagem, portanto, é essencial que se sinta bem consigo mesma (HANSEN, 2017).

Seguindo essa mesma linha de raciocínio de Hansen (2017), a professora 7 descreve: *“Sim, a criança sente-se segura quando é tratada com afeto, tem mais confiança no adulto para interagir com o mesmo.”* O pensamento é semelhante ao da professora 4, que diz: *“Sim, pois a criança se sentirá segura, confiante no adulto que cuida dela.”*

Ao complementar esse entendimento, a professora 3 destaca:

Acredito e inúmeras são as pesquisas que demonstram que a afetividade contribui e tem um valor imenso no desenvolvimento da criança. Quando a criança se sente amada, sente que alguém se importa com ela, que está perto, que a escuta, tenta entender o que ela expressa em suas brincadeiras a motiva para ir adiante com certeza e deixa emocionalmente bem. Estando bem emocionalmente as chances de se desenvolver sadicamente e de aprender melhoram de maneira extraordinária.

A partir desses comentários pode-se perceber que a afetividade é fundamental para o desenvolvimento da criança, principalmente quando o educador mostra esse afeto e o transmite aos educandos, gerando confiança, amor e segurança, os quais maximizam o seu aprendizado.

Nesse sentido, a gestora expressa: *“Acredito! Tudo o que se faz com amor dá bons frutos. Quando você se ‘conecta’ com a criança, tudo flui melhor.”* Da mesma forma, a professora 2 responde: *“Sim! A afetividade contribui com o processo de desenvolvimento da criança, a considerar que ela tenha consciência sobre suas emoções e dessa maneira consiga lidar melhor consigo e com o outro.”* E a professora 5 complementa, dizendo: *“Sim, qualquer ser humano que é tratado com amor, carinho e atenção tem o seu desenvolvimento melhor em qualquer os aspectos emocional e físico.”*

À vista disso, Hansen (2017, p. 47) afirma que: “[...] o amor, é dotado de certos atributos, e para que estejam presentes em uma relação educacional, certas especificidades devem ser cumpridas. Dentre elas estão os elementos como a delicadeza, a suavidade, o aconchego, a doçura e a repulsa à violência.” É fundamental destacar que o que une as pessoas é o amor e, portanto, as crianças devem ser amadas, já que necessitam de amparo e proteção de um adulto, que é quem dá o sustento para o seu desenvolvimento.

A professora 6 acredita que a afetividade contribui para o desenvolvimento da criança e, portanto, complementa: *“Acontece na construção das bases cognitivas emocionais, motora, social e ética.”* Seu entendimento é semelhante ao da professora 8, para quem o afeto *“contribui no desenvolvimento da autoestima e do bem-estar. Devemos demonstrar a afetividade para a criança.”*

As palavras descritas pelas professoras 6 e 8 mostram que a afetividade é essencial no desenvolvimento pleno da criança. Cabe destacar que o desenvolvimento pleno não se restringe apenas ao desenvolvimento das bases cognitivas, mas, também, abrange a afetividade, as habilidades emocionais, motoras e sociais da vida da criança.

Para que o ser humano consiga atingir o seu pleno desenvolvimento, ele deve melhorar todas as suas dimensões de forma integral, e não apenas o seu aspecto cognitivo (CHALITA, 2001).

As educadoras ainda foram questionadas acerca da forma como o educador pode expressar a sua afetividade no convívio com os educandos. De acordo com a professora 1, o educador pode expressar afetividade sendo: *“carinhoso, bem-humorado e estar ali presente de corpo e alma para a criança. Não trazendo problemas particulares para a sala. Atender a criança no momento que ela precisa.”* A educadora pontua sobre a importância de o professor ser carinhoso e estar bem com o seu estado interno.

Nesse mesmo sentido, Hansen (2017, p. 126) expressa o seguinte entendimento:

[...] devemos nos habituar a tomar consciência de nossos estados internos antes de entrar em um espaço de crianças, pois eles irão exercer uma profunda influência na qualidade do ambiente. De forma prática, o educador precisa – antes de entrar na sala de crianças – perguntar a si mesmo: “Como eu estou? Como me sinto hoje? Estou triste? Estou alegre? Estou com energia? Estou cansado?”
A partir do momento em que o educador toma consciência de seu estado interno terá condições de lidar melhor com ele. Poderá, por exemplo, assumir que está triste devido a uma situação familiar difícil pela qual está passando. Então poderá se colocar as seguintes questões: “Se estou triste, como posso lidar comigo de melhor maneira?”

Semelhante às palavras da professora 1, a gestora descreve: *“Primeiramente, o educador precisa estar bem consigo mesmo. Depois, pode conversar, mostrar-se interessado na criança, ouvi-la, ajudá-la... sentir o que a criança sente.”* Da mesma forma expressa a professora 2:

Penso que a gente só expressa aquilo que dominamos, então, antes de pensar a afetividade dentro do ambiente escolar é necessário que o profissional se compreenda dentro desse processo, para então conseguir estimular isso no ambiente escolar, através do respeito ao outro, estimulando a autoestima, ouvindo os anseios das crianças.

Ao compreender o seu estado interno, o educador pode ter o controle das suas ações e de si próprio e, assim, limitar as chances de se descontrolar, o que pode afetar o ambiente em que se encontram as crianças (HANSEN, 2017). Após se compreender, o educador deve estar disposto a ouvir a criança e entender o que ela está sentindo.

Nesse sentido, a professora 3 destaca que o educador necessita:

[...] ter para cada pequeno um olhar atento, minucioso, cuidadoso. Estar presente em momentos especiais e importantes do dia da criança e também dar-lhe a liberdade para descobrir-se e descobrir seu entorno e do que ela é capaz. Ou seja, um olhar cuidadoso e empático para cada criança, conferindo-lhe sentido a sua existência.

Os educadores necessitam ter um olhar atento e cuidadoso para com as crianças, pois é por meio do olhar que ele descobre como as crianças estão se sentindo. Ao olhá-la, o educador atende as necessidades da criança, fazendo com que se sinta segura e amada.

Ainda sobre a forma como o educador pode expressar a afetividade no convívio com os educandos, a professora 5 ressalta: “*Respeitando a criança, buscando compreender o que a criança sente, se está tudo bem com ela. Tentar sempre achar uma forma para ele ensinar com amor.*” Com o mesmo entendimento, a professora 4 complementa: “*Nas suas atitudes, respeitando a criança.*”

Na fala de ambas as professoras pode-se perceber que é muito importante respeitar as crianças para que elas aprendam a respeitar a si e aos demais, bem como sempre procurar entendê-las e tomar atitudes positivas que buscam o seu desenvolvimento.

Ainda em relação à mesma questão, a professora 7 acredita que o educador necessita expressar a afetividade “*no momento de brincar, de alimentar, de receber a criança, mostrando atenção, acolhendo e mostrando que a escola é um lugar seguro e que o educador sempre estará ali para ajudar*”.

É importante demonstrar o máximo afeto às crianças, seja brincando, ajudando, alimentando ou praticando o acolhimento a fim de que se sintam seguras e amadas, bem como possam acreditar que a instituição em que estão inseridas é um local seguro e perfeito para o seu desenvolvimento.

A professora 6 cita que é “*Através da demonstração de carinho, cuidados... geralmente nos momentos em que o educador(a) se encontra sozinho com a criança, por exemplo nos momentos de higiene.*” Nesses momentos em que o educador se encontra sozinho com a criança, ele pode lhe dar a atenção necessária, e a criança se sentirá mais segura e tranquila, pois sabe que quando necessitar será atendida pelo educador.

Nesse rumo se manifesta Alencar (2011, p. 60), afirmando que:

Os momentos de cuidados básicos, como a hora do banho, troca e alimentação, muitas vezes subestimados pelos educadores, são momentos privilegiados de interação entre o bebê e o adulto cuidador. Eles proporcionam maior estreitamento do vínculo, já que são permeados pelo toque, pelo olhar, pela palavra e pelo afeto.

Desse modo, os momentos dos cuidados básicos são extremamente importantes para a criança e torna-se fundamental a atenção do educador nesses momentos de intimidades, os quais levam em conta os três elementos essenciais: o olhar, a fala e o toque. Esses elementos são de extrema importância para o educador desenvolver o vínculo afetivo com a criança e promover condições fundamentais para que ela se sinta segura.

A afetividade na Educação Infantil é de extrema importância para o desenvolvimento das crianças, trazendo-lhes inúmeras vantagens e benefícios. Na pergunta 8 do questionário, as educadoras foram motivadas a se manifestar sobre os benefícios que a afetividade traz no desenvolvimento da criança. A gestora acredita que os benefícios são: *“Crianças com autoestima alta, que sabem expressar seus sentimentos e emoções, que conseguem se comunicar emocionalmente com outras pessoas [...]”*

Nesse mesmo rumo, Werneck (2004) salienta que um dos elementos principais para o desenvolvimento da afetividade entre o educador e o educando é a autoestima, uma vez que estimula a confiança nas crianças. É muito importante que os educadores se sintam confiantes em relação ao desenvolvimento das estratégias pedagógicas, bem como os alunos estejam confiantes em seus educadores.

Em complementação, a professora 6 descreve: *“desenvolvem melhor, e de forma positiva, a memória, vontade, pensamento e autoestima.”* A esse respeito, Werneck (2004, p. 12) faz a seguinte afirmação:

A autoestima é geradora de confiança em si mesmo. Assim, um professor confiante no acerto de suas estratégias pedagógicas poderá levar para dentro da sala de aula a certeza de que os alunos poderão abandonar o ninho onde nasceram e criar asas para conquistas maiores e mais compatíveis com as próprias competências.

De acordo com o autor supracitado, pode-se destacar a importância da confiança no desenvolvimento da criança. Nesse sentido, a professora 7 destaca a importância de a criança ter *“Confiança, autonomia, aconchego, apego ao educador.”*

A professora 2, por sua vez, descreve:

Uma criança que consegue potencializar sua afetividade estará mais preparada para lidar com os desafios da aprendizagem de sua vida, pois, certamente terá mais segurança na tomada de decisões, para resolver conflitos ao mesmo tempo que se constitui em uma perspectiva de ser HUMANO.

Ao analisar esta resposta pode-se afirmar que a afetividade se mostra importante em todo o aspecto de desenvolvimento da criança, seja na resolução de problemas ou no

enfrentamento dos desafios cotidianos. Uma criança inserida em um ambiente rico em afetividade certamente será mais segura de si e terá mais facilidade na resolução de problemas.

A professora 3 afirma nesse mesmo sentido que:

Quando o educador se preocupa em realmente estar com a criança, vivenciar com ela momentos, inteiros e vivos, que a colocam em relação com o mundo interno e o externo, permitindo por parte dela a tomada de consciência de si e do outro, construindo sua identidade, ou seja, quando tivermos para com ela uma relação de afetividade, a criança se torna mais autônoma, segura, capaz, criativa, imaginativa, exploradora, inventiva.

A afetividade, portanto, possui diversos benefícios que favorecem o desenvolvimento, a autonomia, a autoconfiança e a interação entre as pessoas. Hansen (2017, p. 50) destaca que:

O movimento autônomo satisfaz a necessidade de constante atividade dos bebês, no ritmo individual, em cada etapa do desenvolvimento e favorece a relação existente entre a motricidade e o desenvolvimento cognitivo e afetivo. A criança adquire uma facilidade motora pouco comum, harmonia de gestos, concentração, alegria e prazer nas trocas com os adultos.

Desta maneira, quando a criança se sentir mais segura e obter confiança em si mesma ela conseguirá conquistar cada etapa do seu desenvolvimento com autonomia, alegria e firmeza por conta própria.

A partir do exposto conclui-se que as educadoras participantes desta pesquisa compreendem o significado de “afetividade” e têm conhecimento das suas contribuições e benefícios no desenvolvimento da criança. Ficou claro, também, que há preocupação por parte das educadoras em conhecer as crianças e manter com elas uma relação afetiva.

3.3 PREJUÍZOS DA AUSÊNCIA DA AFETIVIDADE

Como visto ao longo deste estudo, a afetividade é benéfica ao desenvolvimento da criança e das suas relações sociais. Da mesma forma, porém, que um ambiente afetivo traz pontos positivos, a ausência desse afeto causa reação contrária, ou seja, o desenvolvimento da criança pode não ser maximizado.

Levando em conta esses aspectos, as educadoras participantes desta pesquisa foram questionadas sobre a falta de afetividade na relação entre o educador e educando e o que ela pode causar no desenvolvimento da criança.

A professora 1 acredita que a falta de afetividade pode causar *“Atrasos. Se o educador não tem afetividade com seus educandos não terá vontade em estimular uma criança. Não consigo imaginar um educador não afetivo atender uma criança de Educação Infantil, isso pode até traumatizar uma criança para o resto da vida.”*

Não é possível imaginar um professor que consiga trabalhar com crianças sem o mínimo de afeto, pois ele é fundamental para o desenvolvimento infantil. A falta de afeto pode interferir e gerar atrasos na educação da criança e até mesmo causar danos irreversíveis.

As professoras 2 e 5 concordam que a ausência da afetividade possa causar danos traumáticos no processo de desenvolvimento integral da criança. A professora 8, por sua vez, salienta que a falta da afetividade *“Pode causar tristeza, insatisfação e angústia”*. A falta de afeto faz com que a criança se sinta desvalorizada e desmotivada, prejudicando a sua relação social e intelectual.

A professora 3 comenta o quão importante é o afeto na vida da criança:

A criança é como cada ser humano no momento que sente que alguém não se importa com ela, não está presente com ela em momentos importantes do seu dia, não a estimula para seguir, não a afeta no seu dia a desenvolver-se de maneira sadia. Ainda é bem importante destacar a fala de Andrew Meltzoff, psicólogo norte-americano estudioso da infância. Há evidências científicas de que o desenvolvimento da criança no começo de sua vida ajuda a determinar o adulto que ela será. O cérebro do bebê é esculpido pelas experiências. Ele é profundamente afetado pelas interações sociais e físicas que tem com o mundo. Deixar que a criança brinque e prestar atenção nela. Ela sabe quando é observada. Isso faz com que a criança se sinta segura, cuidada e apreciada.

Sabe-se que o afeto é muito importante no desenvolvimento da criança em todos os momentos da sua educação, melhorando, inclusive, a sua inteligência. Se não houvesse afeto, não haveria interesse, nem motivação e tampouco necessidades, o que acabaria gerando dificuldades no desenvolvimento infantil. Conclui-se, portanto, que o afeto é uma condição necessária para que haja inteligência, logo, os campos afetivo e cognitivo se interligam. A falta de afetividade e de motivação gera déficit na educação (SOUZA; SOARES, 2019).

De acordo com a professora 6, a ausência da afetividade pode causar *“Dificuldade no gerenciamento das suas emoções e intelectual, falta de estrutura energética entre o cognitivo e afetivo.”* Já a professora 7 compreende que *“que quando não acontece essa relação de forma afetiva, a criança passa a se sentir insegura e não interage durante o período que está na escola, muitas vezes, deixa de querer ir para a escola.”* Essas educadoras acreditam que a ausência da afetividade pode prejudicar no gerenciamento das emoções, pois a criança se sentirá insegura e terá dificuldades em desenvolver relações intra e interpessoais.

Conclui-se, portanto, que prejuízos afetivos na relação entre educador e educando possam trazer consequências ao educando, tais como baixa autoestima, insegurança, desinteresse e dificuldades de aprendizagem. A ausência da afetividade também compromete as relações escolares, fazendo com que a criança se isole em relação aos grupos e, principalmente, em relação ao seu educador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta monografia proporcionou à acadêmica inúmeros aprendizados, tanto profissionais quanto pessoais. Foram semanas de plena dedicação e empenho no intuito de atingir a própria superação. Assim que a disciplina foi introduzida já lhe despertou grande entusiasmo, apesar do desafio exposto ter lhe causado certo receio de não conseguir concluí-lo. Agora, porém, diante das considerações finais, é possível descrever com muita satisfação a importância dessa experiência, uma vez que o aprendizado adquirido superou as expectativas iniciais.

A perspectiva da Educação Infantil revela um mundo cheio de surpresas e de pequenos contextos a serem explorados diariamente, o que caracteriza a grande responsabilidade do educador. A visão docente da acadêmica obteve uma ampliação fundamental ao longo do curso de Pedagogia, graças aos diálogos com outros professores e das pesquisas e leituras, que trouxeram importantes contribuições para este estudo.

Cada vez mais percebe-se a importância do professor no amparo à sociedade presentemente desenfreada. Ao se posicionar a frente de uma turma o docente deve ter em mente que a sua responsabilidade é gigantesca, e que precisa oferecer o seu melhor em prol de um futuro promissor. Como já dizia Cury (2003, p. 72), “Ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão diferença no mundo.”

Ao abordar a afetividade, a pesquisa se propôs a conhecer a importância e os reflexos do vínculo afetivo no desenvolvimento da criança, especialmente na Educação Infantil. Após a coleta, a seleção de informações e as abordagens do assunto, observou-se que a escola exerce um papel maior do que apenas o ensino dos saberes – ela também forma cidadãos! É na escola que as crianças desenvolvem relações inter e intrapessoais, entram em contato com

várias realidades e acontecimentos distintos ao mesmo tempo, e onde desenvolvem vínculos afetivos, conceitos e diálogos, aspectos que conduzem as suas ações e escolhas.

A afetividade é conceituada por vários autores como o ato de fazer algo com afeto, sentimento, amor, simpatia, amizade e paixão. É possível, no entanto, encontrar a definição do afeto no respeito ao próximo, no carinho, na atenção e no acolhimento. Ademais, a afetividade mostra que o amor quebra paradigmas, pois lhe acompanham o respeito e o comprometimento.

Sabe-se que o afeto na Educação é essencial para o bom desenvolvimento do educando, ou seja, que a afetividade desempenha uma enorme influência no processo de desenvolvimento da criança. A instituição de ensino onde a criança está inserida se transforma em um segundo ambiente familiar, porém, está voltada à aprendizagem e necessita oferecer todas as ferramentas necessárias para que essa realmente aconteça. A afetividade, nesse contexto, é importante, pois garante ao aluno segurança e confiança na construção do seu conhecimento.

De acordo com os relatos das educadoras, a relação educador x educando acontece quando há respeito e confiança mútua – essenciais para uma boa relação em sala de aula. Para as educadoras respondentes, a afetividade pode ser demonstrada por meio do afeto, carinho, elogiando as suas realizações e fazendo com que sua autoestima aumente. Compreende-se que o educador tem função primordial no desenvolvimento do educando, e que o entende e o reconhece como um ser social, pois sabe dos seus desejos e sonhos.

As educadoras participantes desta pesquisa conhecem a importância da Educação Infantil, bem como da função do educador nesse processo de ensino. Entendem, também, que a Educação Infantil é de suma importância no processo de desenvolvimento da criança, assim como a relação educador x educando. É pertinente ressaltar que nas questões feitas às educadoras sobre a importância da afetividade nessa relação, elas evidenciaram que o vínculo afetivo é muito importante no desenvolvimento da criança para que ela se sinta segura e, assim, tenha um desenvolvimento saudável. As professoras concordam que os educadores necessitam buscar sempre compreender o educando, sendo pacientes, afetuosos, carinhosos, amorosos e auxiliar nas incertezas e anseios das crianças.

A análise de dados também revela que as educadoras possuem entendimento acerca das contribuições e benefícios da afetividade no desenvolvimento da criança, pois compreendem o significado da palavra “afetividade”. Revelam, ademais, preocupação em compreender a criança e cultivar uma relação afetiva com elas.

Em relação às contribuições e benefícios da afetividade na Educação Infantil, as educadoras participantes da pesquisa concordam que esse sentimento contribui muito no desenvolvimento pleno da criança. Cabe ressaltar que esse desenvolvimento pleno não se limita às habilidades cognitivas, mas engloba a afetividade, os processos psicológicos e sociais da vida da criança. É preciso compreender que quem aprende é o indivíduo completo, que possui emoções e sentimentos, os quais necessitam ser levados em consideração.

A afetividade, portanto, contribui em diversas dimensões, especialmente na Educação Infantil. As educadoras participantes da pesquisa destacam que é preciso acolher as crianças, que é com afeto que se atende às suas necessidades, que a afetividade é o ato de se doar inteiramente a elas, estar sempre disponível e tentar compreender o máximo possível a forma como se sentem e quando necessitam de atenção.

As educadoras concordam que antes de ouvir a criança e entender o que ela está sentindo, é preciso que o educador se compreenda nesse processo de ensino, pois ao compreender o seu estado interno terá condições de ouvir e entender a criança.

Destarte, os educadores necessitam ter um olhar atento e cuidadoso às crianças, pois é por meio desse olhar que ele descobre como as crianças estão se sentindo e, assim, pode melhor compreendê-las e ajudá-las. Em outras palavras, quando o educador olha no olhar da criança ele entende as suas necessidades, e faz com que elas se sintam seguras e amadas. Para as educadoras entrevistadas, o afeto se revela por meio do olhar, da fala, do toque, da atenção, o que contribui de maneira significativa na vida da criança, pois se sentirá mais segura, amada, respeitada e com melhor autoestima.

Da mesma forma como a afetividade traz benefícios ao desenvolvimento da criança, a ausência de afeto pode causar prejuízos no seu desenvolvimento, tais como baixa autoestima, insegurança, desinteresse e dificuldades de aprendizagem. A ausência da afetividade também compromete as relações escolares, pois a criança irá se isolar em relação aos grupos e, principalmente, em relação ao seu educador.

Pode-se perceber, portanto, que a ausência da afetividade na vida criança pode causar diversas dificuldades no seu desenvolvimento. De acordo com as educadoras, a falta da afetividade pode prejudicar as crianças no gerenciamento das suas emoções, pois ela se sentirá insegura, triste, angustiada, insatisfeita, desmotivada e desvalorizada, o que prejudicará a sua relação social e intelectual.

As pesquisas realizadas durante a construção desta monografia permitem compreender que a afetividade é essencial ao desenvolvimento integral da criança. A falta de vínculo afetivo na infância poderá se demonstrar na idade adulta mediante imaturidade emocional,

insegurança nos relacionamentos e fobias, podendo se tornar uma pessoa egoísta e sem empatia.

Tais prejuízos afetivos, todavia, não se destinam apenas aos educandos, pois os educadores também sofrem com a falta da afetividade na relação educador x educando, podendo lhes causar insatisfação, insensibilidade, descompromisso e, inclusive, Síndrome de Burnout, que é causada pelo estresse excessivo gerado nas relações humanas.

Sendo assim, os professores citados neste estudo evidenciam a importância e necessidade da prática da afetividade na Educação Infantil, obedecendo ao desenvolvimento individual de cada criança. A prática pedagógica necessita ser elaborada mediante atividades relacionadas ao desenvolvimento afetivo entre o educador e o educando.

Conclui-se que a afetividade na Educação Infantil contribui positivamente para o desenvolvimento social e intelectual das crianças inseridas nesse meio. Além disso, a afetividade na Educação Infantil é manifestada pelas educadoras de diferentes formas, desde o afeto no acolhimento e tratamento até na intermediação das atividades.

Acredita-se, portanto, que a Educação tem importante tarefa no sentido de continuar a perceber a importância dos vínculos afetivos no desenvolvimento de todas as fases na vida, e que o conhecimento não se esgota nesta pesquisa. Muito ainda precisa ser estudado, construído e praticado, pois o desejo é de viver intensamente e com muito amor, compaixão, alegria e esperança num mundo melhor e mais humano.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, R. **O acolhimento de bebês: práticas e reflexões compartilhadas**. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2011.

ALMEIDA, A.R.S. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ANTUNES, C. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina, PR: Maxiprint, 2006.

ANTUNES, C. **Educação Infantil – Prioridade imprescindível**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARROS, A.J.S.; LEHFELD, N.A.S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/419/pdf/0>. Acesso em: 03 abr. 2020.

BRASIL (Constituição, 1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 42. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014.

BRASIL. **Lei Federal nº 6.697, de 10 de outubro de 1979**. Institui o Código de Menores. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6697.htm. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF; Congresso Nacional, 1990. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Promulga a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. I, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_voll.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE TUNÁPOLIS. **Projeto Político-Pedagógico**. 2016.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. 3. ed. São Paulo: Gente, 2001.

CUNHA, E. **Afeto e aprendizagem** – Relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FALK, J. **Abordagem Pikler** - Educação Infantil. São Paulo: Omnisciência, 2016.

FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

GALVÃO, I. Expressividade e emoção segundo a perspectiva de Wallon. *In*: ARANTES, V.A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> . Acesso em: 03 abr. 2020.

GIL, A.C. **Dados e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-etc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2020.

HANSEN, R. **Pedagogia Florença I: bases para a educação de 0 a 3 anos**. Santa Catarina: Edição do autor, 2017.

HILLAL, J. **Relação professor-aluno: formação do homem consciente**. São Paulo: Paulinas, 1985.

JOSÉ, E.A.; COELHO, M.T. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2001.

KLAUSEN, L.S. **Aprendizagem significativa: um desafio**. VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente. Univali – Santa Catarina, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25702_12706.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

LIMA, T.C.S.; MIOTO, R.C.T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10, n. esp, jan. 2007, pp. 37-45. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf> . Acesso em: 03 abr. 2020.

NOGUEIRA, F. **Entre o singular e o coletivo: o acolhimento de bebês em abrigos**. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2011.

NUNES, J.F. **A importância do afeto em sala de aula**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/142873/000993864.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jan. 2020.

PIAGET J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RAMPAZZO, S.E.; CORRÊA, F.Z.M. **Desmistificando a metodologia científica: guia prático de produção de trabalhos acadêmicos**. Erechim, RS: Habilis, 2008.

RIBEIRO, L.P.L. **Afetividade na Educação Infantil: a formação cognitiva e moral do sujeito autônomo**. Trabalho de conclusão do curso (graduação em Pedagogia) – Instituto Superior de Educação da Faculdade Alfredo Nasser, 2010. Disponível em: <https://sil0.tips/download/afetividade-na-educao-infantil-a-formacao-cognitiva-e-moral-dosujeito-autonomo>. Acesso em: 15 jan. 2020.

ROSSINI, M.A.S. **Pedagogia afetiva**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SALTINI, C.J.P. **Afetividade e inteligência**. Brasil: DP&A, 1997.

SILVA, C.R.; KAULFUSS, M.A. **A importância da família na educação infantil**. 2017. Disponível: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/NWgq2JCop9F9YwD_2017-1-21-11-14-37.pdf . Acesso: 30 set. 2020.

SILVÉRIO JÚNIOR, R.C.; MOREIRA, B.B. **A importância da afetividade na aprendizagem**. 2017. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/50/26042017193303.pdf>. Acesso: 20 set. 2020.

SOUZA, T.L.L.; SOARES, H.C.C. **A afetividade na educação infantil**. 2019. Disponível: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/NWgq2JCop9F9YwD_2017-1-21-11-14-37.pdf . Acesso em: 30 set. 2020.

TAILLE, Y.; DANTAS, H.; OLIVEIRA, M.K. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

TASSONI, E.C.M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. *In: Psicologia, análise e crítica da prática educacional*. Campinas, SP: ANPED, 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.PDF>. Acesso: 20 set. 2020.

VASCONCELOS, A. *et al.* A presença do diálogo na relação professor-aluno. *In: V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife*, 19 a 22 set. 2005. **Anais...** Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/28561702/a-presenca-do-dialogo-na-relacao-professor-aluno-vasconcellos> . Acesso em: 20 set. 2020.

VIEIRA, J.G.S. **Metodologia de pesquisa científica na prática**. Curitiba: Ed. da Fael, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. **Evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WERNECK, H. **Educar é sentir as pessoas**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.